# Fortuna crítica

Janaína Amado (org.)

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

AMADO, J., org. Fortuna crítica. In: *Jacinta Passos, coração militante:* obra completa : poesia e prosa, biografia, fortuna crítica [online]. Salvador : Editora EDUFBA, 2010, pp. 444-516. ISBN 978-85-232-1207-0. Available from SciELO Books <http://books.scielo.org>.

---

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

# Fortuna crítica

# O que se escreveu sobre Jacinta Passos

Apesar da pequena tiragem dos livros, a poesia de Jacinta Passos desde cedo chamou a atenção de estudiosos, obtendo boa repercussão, primeiro na Bahia, onde mereceu análises de críticos experientes e reconhecidos como Carlos Chiacchio e Lafaiete Spinola. Desde *Canção da partida,* seus poemas foram elogiados por intelectuais de grandes centros do país, gente de projeção nas Letras cuja opinião realmente influía, entre os quais Aníbal Machado, Antonio Cândido, Mário de Andrade, Paulo Dantas, Roger Bastide e Sérgio Milliet. A poeta chilena Gabriela Mistral, prêmio Nobel de Literatura em 1945, também expressou opinião favorável sobre a poética de Jacinta Passos.

Esse primeiro ciclo de estudos críticos estendeu-se até 1958, ano em que Paulo Dantas escreveu sobre *A Coluna*, editado no ano anterior. A partir daí, durante mais de três décadas desceu o silêncio sobre a obra da poeta, só quebrado, aqui e ali, não por trabalhos críticos, mas pela inserção de trechos de *A Coluna* em alguma publicação de esquerda do país. Tal silêncio pode ser explicado por Jacinta não haver mais publicado livros, por ter passado muitos anos internada em sanatórios, pelo forte conteúdo político (de esquerda) de sua poesia, que desagradava aos órgãos oficiais desde o golpe militar de 1964, e, após o falecimento da autora, em 1973, por sua poesia não haver sido reeditada.





José Paulo Paes rompeu o silêncio de três décadas quando escreveu, com vistas à segunda edição de *Canção da partida* (1990), um longo e minucioso estudo sobre o significado da obra de Jacinta Passos, até agora o mais alentado ensaio crítico sobre ela, mesmo que o leitor possa discordar de alguma interpretação do grande crítico e poeta. A partir de então, sem novas edições, a poesia de Jacinta Passos voltou a cair no esquecimento, deixando de ser lida e, claro, estudada.

Só muito recentemente houve um reavivar de interesse pela sua obra, quando surgiram novos textos sobre a poeta[1]. Ao mesmo tempo, seus poemas voltaram a integrar apresentações de poesia falada e antologias literárias, tanto impressas como em formato de cd e vídeo[2]. A presente edição, a primeira a reunir a obra

[1] Textos recentes sobre Jacinta foram reunidos em Santos, Gilfrancisco. *Jacinta Passos:* A Busca da Poesia. Aracaju: Edições GFS, 2007, e estão reproduzidos neste volume. Estes textos foram produzidos com vistas à presente edição, mas, como esta demorou mais tempo do que o inicialmente previsto para ser lançada, Gilfrancisco decidiu publicá-los à parte, conforme explica na introdução do seu livro. Ver também o mais recente estudo sobre Jacinta Passos, referente à sua escrita jornalística: Fuad, Danielle Spinola. *Passagem de Jacinta Passos pelo Jornal "O Imparcial" (1943).* Monografia de Especialização apresentada ao Centro Universitário Jorge Amado, área de Jornalismo Contemporâneo, com foco de interesse na História da imprensa feminina da Bahia. Orientação do Prof. Dr. Luís Guilherme Pontes Tavares. Salvador, 2008.

completa e a fortuna crítica sobre Jacinta Passos, representa um novo momento de divulgação da autora, capaz de inspirar, espera-se, novos ensaios críticos, assim como edições mais populares de sua poesia. O *site* http://jacintapassos.com.br, recentemente inaugurado, oferece a um público amplo informações sobre a trajetória de vida e a poesia da autora, assim como atualizações sobre novos estudos e iniciativas culturais referentes a ela.

Os textos desta Fortuna Crítica, escritos pelos autores ao longo de décadas, à medida que os livros de Jacinta Passos iam sendo publicados, foram pesquisados em jornais, revistas e livros, constituindo o cerne do que se produziu sobre a autora. Ler o conjunto destes textos ajuda-nos a compreender facetas diversas da sua obra, algumas imperceptíveis ao olhar leigo, bem como esclarece aspectos da vida e do tempo de Jacinta, aproximando-nos da autora e nos ajudando a evitar anacronismos. Os críticos aqui reunidos emitem opiniões, algumas polêmicas, outras opostas entre si, sobre as quais vale a pena pensar e posicionar-se.

Este grupo de ensaios está, contudo, sabidamente incompleto, pois existem referências a estudos críticos cujos textos integrais não consegui localizar. É o caso das seguintes críticas, que tiveram pequenos trechos reproduzidos nas orelhas do terceiro livro de Jacinta, *Poemas políticos* (publicado em 1951), todos assinados por intelectuais de renome:



> *Esta síntese entre o sabor das formas folclóricas e o sentimento da miséria dos homens, da solidariedade no sofrimento, a profecia de um mundo mais justo e mais fraternal, eu a encontro realizada com sucesso nos poemas de Jacinta Passos. (Roger Bastide)*
>
> *Tudo é um canto de poesia que vai da poesia mais íntima ao canto longo da libertação, voz da maioria das mulheres conscientes e profundas. (Aníbal Machado)*
>
> *Arrebata, se comunica, gana el alma. Prolongue la "Canción Simples", dijamos a las mujeres. (Gabriela Mistral)*
>
> *Ela tem realidade poética, não me parece haver dúvida. (Mário de Andrade)*
>
> *Jacinta Passos envolve a sua poesia em enxoval de criança, não comprado em Paris ou Nova York, mas enxoval que parece um ninho quente, gostoso, de folclore nosso. (José Geraldo Vieira)*

[2] A participação de Jacinta Passos em antologias e em outras iniciativas está relacionada em "Bibliografia sobre Jacinta Passos", nesta edição.

É possível que existam ainda estudos e ensaios sobre Jacinta Passos que desconheço e, portanto, não estão integrados a este volume. Minha esperança é a de que esta edição contribua para localizar tais textos, se existirem, bem como os textos integrais das críticas cujos excertos foram aqui transcritos.

Esta Fortuna Crítica está apresentada em ordem cronológica. Cada texto identifica e situa seu autor, bem como o local da publicação original. Onde absolutamente necessário, mudei a pontuação de uma ou outra frase ou corrigi citações defeituosas dos poemas de Jacinta, sem anotar isso a cada vez. Os poucos acréscimos que fiz aos textos dos autores, sempre no sentido de esclarecer alguma frase obscura, em geral devido a problemas de impressão, estão entre colchetes. Nos ensaios de Antonio Cândido e de José Paulo Paes, as notas redigidas pelos autores estão assinaladas como "Nota do texto original", para diferenciar daquelas que escrevi.

# “Poesias”, de Jassy Passos (Bahia)[1]

*Carlos Chiacchio*[2]

“Poesias” é um título arbitrário que adotei para revelar o nome de Jacy Passos.[3] Os versos, ademais, não me foram mandados para nenhuma revelação. Eu é que reputaria um crime se não dissesse deles a surpresa agradabilíssima que me causaram. Pois que? Há, entre nós, uma inteligência harmoniosa de artista do verso, como Jacy Passos, e não trazê-la à admiração justa do público, que ainda tenha em apreço espiritual as espontaneidades do talento? Não é possível o silêncio. Perdoem-me os delicados melindres da jovem poetisa. Os versos é que não carecem de pedir perdão. Defendem-se com toda a força da sua indiscutível pureza. Vamos ler, sem mais comentários, o soneto – “Maria”:





*Ergue-se a cruz no cimo do Calvário.*
*Após cumprir sua missão, Jesus,*
*que por nós nasceu pobre e solitário*
*por nós, agora, vai morrer na cruz.*

*Já se fez o divino donatário*
*de tudo o que era seu. Bênção de luz*
*que desceu sobre o mundo tumultuário*
*é doutrina de amor que ao Céu conduz.*

---

[1] Publicado na coluna “Homens e Obras”, de autoria de Carlos Chiacchio, jornal *A Tarde*, Salvador, 6 de outubro de 1937. A coluna literária de Carlos Chiacchio, nesse dia, teve o título de “Inéditos”. Além dos poemas de Jacinta Passos, o autor fez também a crítica de “O Místico”, peça de autoria de João Matos, aqui não reproduzida. Agradeço a Gilfrancisco a localização deste texto.

[2] O médico Carlos Chiacchio foi o mais importante crítico literário da Bahia durante a primeira metade do século XX. Sua coluna semanal sobre literatura, “Homens e Obras”, foi publicada em *A Tarde*, o mais lido jornal da capital baiana durante 28 anos, de 1928 a 1946. Em 1936, Chiacchio criou a Ala das Letras e das Artes (ALA), movimento artístico que reuniu intelectuais baianos, entre os quais a jovem Jacinta Passos. Espécie de resposta baiana ao modernismo, a ALA pregava “renovação dentro da tradição”: aceitava algumas inovações modernistas, mas sem romper com os cânones literários anteriores, posição diversa da assumida, por exemplo, pela “Academia dos Rebeldes”, movimento literário baiano que propunha cortes radicais com a tradição artística. Chiacchio manteve também uma página no jornal *O Imparcial*, realizou diversas iniciativas culturais importantes e publicou vários livros.

[3] “Jacy Passos” foi o pseudônimo literário que Jacinta adotou em seus primeiros escritos; “Jacy” (ou Jaci) era seu apelido familiar. No título deste texto, está grafado “Jassy”, que a autora não adotava.

*Prisão, torturas, sede, fundas dores*
*desprezo, ingratidões, açoite, horrores,*
*tudo sofreu por nós, pobres mortais.*

*E ainda nos dá, no instante da agonia,*
*santificado, o vulto de Maria,*
*que é o bem maior que todos os demais.*[4]

Dir-se-á que nem o assunto nem a forma são novas. Quem já não escreveu sobre Maria? Antologias se contam. Quem já não fez sonetos? Só os que ainda não nasceram para poesias. O que há, porém, em Jacy Passos, é a concepção nova do sentido estético da fé – que há uma estética, como há uma ética da fé –, naquela chave, verdadeiramente de ouro, se já não fosse tão mal usada a expressão. Repitamo-la:





*E ainda nos dá, no instante da agonia,*
*santificado, o vulto de Maria,*
*que é o bem maior que todos os demais.*

Nunca ninguém disse com mais simplicidade sobre um dos maiores temas do catolicismo, que é esse "bem maior que todos os demais", legado por Jesus.

* * *

Não se pense, todavia, que a arte de Jacy Passos se valha do sentimento místico para vingar louvores, ou captar simpatias. O seu espírito é sincero. Em outras mostras de mérito, acusa uma sensibilidade notável para os aspectos da natureza, como no poema – "Manhã de sol" – cujo fecho demonstra, apesar da homofonia, a emotividade lírica de Jacy Passos:

*E todo esse esplendor se comunica*
*à alma da gente que vibrando fica,*
*e com alta emoção, esplêndida e feliz*
*bendiz*
*numa alegria incontida*
*a glória de viver e a beleza da vida.*[5]

---

[4] Este soneto foi republicado em 1942, em *Momentos de poesia*, primeiro livro de Jacinta Passos. No livro, está assinalado o ano em que o poema foi composto: 1934.

[5] "Manhã de Sol" foi publicado na íntegra em 1942, em *Momentos de poesia*. Pelo livro, sabe-se que foi escrito em 1934.

Já agora, não há como não conhecer, na integra, um dos poemas inéditos de Jacy Passos,[6] a nova poetisa baiana:

*Meu sonho*

*O meu sonho*
*mais risonho,*
*é suave e pequenino,*
*resumindo, entretanto, o meu destino.*
*É de cor azul- escuro*
*como o mar que longe chora.*
*É cor de infinito e de ânsia,*
*cor de céu, cor de mar, cor de distância.*
*Tem a leve suavidade*
*da saudade,*
*e a cantante doçura*
*de um regato que murmura.*
*Macio e encantador,*
*é carícia de pluma e perfume de flor.*
*O meu sonho*
*mais risonho*
*é para mim, cada momento,*
*o motivo maior de doce encantamento.*[7]





Sem nenhuma pretensão a gênio, mas com toda a espontaneidade de alma, Jacy Passos é uma das mais legítimas expressões do nosso lirismo feminino.

[6] A frase saiu truncada no original: "Já agora, não há como conhecer, integra, um dos poemas inéditos de Jassy Passos".

[7] Este poema não foi republicado por Jacinta Passos. Está em Gilfrancisco. *Jacinta Passos:* A Busca da Poesia, p. 56. Neste volume, integra "Poemas Esparsos".

# Um livro e dois poetas[1]

*Lafaiete Spinola*[2]

De dois poetas baianos e publicados na Bahia são os *Nossos Poemas*, da sra. Jacinta Passos e do sr. Manoel Caetano Filho. Irmãos no sangue e na arte, e fazendo imprimir os seus versos num[3] só volume, dão-nos uma primeira impressão de xifópagos espirituais, cujas existências se completam ao mesmo passo que se atrofiam. Nota-se, evidentemente, uma aliança, vamos dizer uma interdependência, no sentir e no pensar dos jovens estreantes. Percebe-se – tudo pode ser uma simples sugestão – que as duas almas, que um mesmo sonho de beleza e de verdade aproximou, trilharam juntas a mesma senda amarga do ideal. Porque, pensem diversamente, embora, os apologistas da alegria, a arte é a mais perturbadora das angústias humanas. Os dois poetas, à semelhança de tantos outros, são testemunhas expressivas dessa ânsia incontida de realização, que é a própria essência da arte. E nesse objetivo é que se lhes denuncia uma comunhão de espírito, que os torna mais irmãos. Contudo, essa primeira impressão vai desaparecendo, imperceptivelmente, a uma análise menos rápida. É que, embora persista em sua formação um traço comum, que os aproxima, esse impulso remoto muito se transforma na concretização da obra de arte, levada a efeito pelos cantores de *Nossos Poemas*.

E, a essa altura, podemos afirmar, paradoxalmente, que são muito diversos os espíritos semelhantes da sra. Jacinta Passos e do sr. Manoel Caetano Filho. Ambos profundamente contagiados pela inquietação contemporânea, mergulhados numa introversão, que denunciam claramente através de um universo fictício que idearam e em que vivem, longe de tudo e de todos acreditam que suas fantasias são realidades e mal percebem que suas visões não transpõem os horizontes de seu mundo interior. Emprestando a tudo uma gravidade que a natureza desmente, os poetas de *Nossos Poemas* criaram, a seu talante, uma estranha vida, a que implantaram as leis de seu capricho e de sua fantasia. Mas, não obstante essa



[1] Publicado no jornal *O Imparcial*, coluna "Vida Literária", Salvador, 24 de outubro de 1942, p. 5.

[2] Lafaiete Spinola foi profundo conhecedor de literatura e ativo crítico literário na Bahia, tendo publicado seus textos em *O Imparcial* e em diversos outros periódicos. Publicou livros, como *Harpas e Farpas*. Salvador: Livraria Editora Progresso, 1943 e *Bilhetes à Academia*. Salvador: Livraria Editora Progresso, 1958.

[3] *Num*: no original, "um".

analogia de origem e de princípios, malgrado essa paridade de sentimentos que os identifica, vamos encontrar os predicados mais díspares nos dois poetas, se atentarmos nos quadros fixados e nos efeitos obtidos. Nesse passo, não é possível desconhecer mais sensibilidade, mais senso artístico, maior soma, enfim, de realizações, na poetisa, que soube, ou pôde, atingir melhor a finalidade de um mesmo sonho de arte.

## Tentemos uma análise desses jovens sonhadores

Os "Momentos de Poesia", da sra. Jacinta Passos, revelam uma artista, senão de monumentos grandiosos, pelo menos de delicados painéis. Extremamente impressionista e, mais ainda, impressionada, possui, contudo, um defeito raro nas mulheres: pensa. Preocupa-se com os problemas do absoluto, entretém-se com as incógnitas da metafísica, sublima a sua inquietação no culto a uma entidade que reveste as feições de um deus, mas um deus puramente humano, que se diversifica e se transforma a cada momento. O "Senhor" de seus poemas, que se ductiliza ao pensamento plástico da artista, não toma, em parte alguma, os traços religiosos de um criador qualquer, antes é a realização de um símbolo a que se socorre o espírito, agitado pela avidez da verdade e pela neurose da dúvida.





*Estou cansada, Senhor.*
*Minha alma insaciável,*
*a minha alma faminta de beleza,*
*ávida de perfeição,*
*é perseguida pelo teu amor.*

Compreende perfeitamente a inutilidade dos sacrifícios humanos e dos puros ideais de redenção, e sabe ver, na lição do Gólgota, *a loucura divina, a loucura da cruz*. Esse desânimo, que é, ao mesmo tempo, um protesto contra as constantes vitórias do Mal, é comum nos artistas, eternos videntes do Bem. Três passagens me ocorrem no momento, que são três súplicas desesperadas diante do inevitável. Tobias Barreto, em face da sânie moral em que se dissolvem os homens, lançou aquela célebre interrogação: *De que foi que Jesus salvar-nos veio?* Antero de Quental, no misticismo de seu ateísmo, resmungava: *... de que serviu o sangue com que regaste, ó Cristo, as urzes do Calvário?* E Bilac, sinceramente comovido com a bondade ultrajada do Cavaleiro da Triste Figura, clamava revoltado: *... todo o esforço em prol do Bem é vão! Quem se mete a redentor sacrifica os que quer redimir e sai crucificado...*

Esse é o traço característico da poesia da sra. Jacinta Passos. A dúvida, a revolta, a inquietação, um incurável sonho de altura, tudo com certo desembara-

ço de forma e aceitável equilíbrio de conclusões, fazem-na digna de reparo. Usando e abusando das abstrações e das ideias gerais, evita, às vezes, os *todo o meu desejo* (p. 43), *todos os tempos*, *vozes todas da terra* (p. 45), *todas as durezas, todas as coisas, terra toda, todas as formas* (p. 46), *todas as vibrações, todos os instantes* (p. 47), *todos os ventos*, *todas as misérias, todos os homens* (p. 51), *toda a terra, experiência total, todos os seres* (p. 53), *todas as vibrações, todos os lados* (p. 55), *todos os povos, realidade total, todos os seres* (p. 56), *todas as dores* (p. 61), *todas as realidades* (p. 63), *todas as limitações* (p. 67), *posse total* (p. 69), *todos os frutos* (p. 74), *ser humano total* (p. 79), *todas as raças, todas as cores, todos os povos, todas as classes* (pag.86), *todas as criaturas* (pag. 89), *todas as terras, todos os mares* (p. 95), *todas as cores* (p. 96), *todos os seres* (p. 97). Essa obsessão por certas palavras culminou em dois poetas patrícios: Ronald de Carvalho, em seus *Sonetos e Poemas*, com o vocábulo "vão" (mais de duzentas vezes), e o sr. Alphonsus Guimarães Filho, no *Lume de Estrelas*, com a palavra "vento" (mais de quinhentas vezes). A sra. Jacinta Passos pode concorrer ao campeonato com o seu "todo", mas deve temer o sr. Heitor Alves (*Vida em Movimento*) e a sra. Adalgisa Néri (*A Mulher Ausente*), grandes consumidores daquele termo, verdadeiros corifeus do "todismo" no Brasil. Outro reparo que é possível fazer no livro da sra. Jacinta Passos se reporta à imprecisão de linguagem. Por esse caminho, iríamos até à incorreção gramatical, hoje, aliás, permitida até nos professores de línguas e educadores, muitos dos quais deveriam começar onde acabaram: numa academia de letras... Na "Mensagem aos homens", por exemplo, a poetisa escreve: *Eu "te" esperei...*, quando é certo que não se referia a um homem só. Também na bela e comovedora "Canção simples" rima o substantivo "rio" com o verbo "caiu", o que representa uma ligeira confusão de hiato com ditongo, só censurável porque prejudicou a beleza dos versos. Mas essas nugas já vão ficando antipáticas... Paremos aqui. Mesmo porque todas elas juntas não desmerecem os méritos da jovem poetisa, que já realizou muito, e que mais realizará se a sua inspiração tomar o rumo dos motivos simples e humanos de "Compreensão", "Canção Simples" e "Cantiga das Mães", fugindo ao ultranefelibatismo da poesia contemporânea, que será um divertimento para as consciências claras dos homens de amanhã.



Vejamos agora o poeta. "Mundo em Agonia", do sr. Manoel Caetano Filho, denuncia desde logo um torturado. E ele é, precisamente, isso. Os seus poemas revelam a preocupação dos complexos problemas sociais, da sorte dos homens e do destino da humanidade. A sua "Inquietude" não está em si, está nos homens injustos e no mundo hostil ou indiferente:

*Como seguir o meu caminho*
*se vejo corpos famintos caindo no chão,*
*se vejo olhares cheios de aflição e desespero?*

Ninguém melhor do que Oliveira Martins fez a análise desse estado de alma, quando traçou o perfil de Antero de Quental, a quem o mundo nunca foi adverso, mas que talvez escrevesse os mais angustiosos poemas da língua portuguesa*: ... tudo, tudo, quanto no mundo pode haver de doloroso, desde a miséria até a prostituição... tudo isso é menos do que a agonia de um poeta vendo passar, diante de si, em turbilhão medonho, as lúgubres misérias do mundo.* E Antônio Nobre, este a sentiu em si mesmo:

*Toda a dor pode suportar-se, toda!*
*.....*
*Mas uma não: é a dor do pensamento!*

Felizes, portanto, os que não pensam. E mais felizes ainda os que pensam que pensam, e escrevem, e produzem, e proliferam, e entram até nas academias de letras, onde o pensamento é manga de colete, para usar uma expressão que me ensinou o meu amigo Gilberto Guimarães. O poeta do "Mundo em Agonia", porém, prefere meditar na trajetória dos turbilhões humanos, e sofrer por eles:

*Eu olho a vida com tristeza.*
*Eu ouço o coro de vozes angustiadas*
*vindas de todos os recantos da Terra.*



Sabendo ver e compreender as angústias humanas, o sr. Manoel Caetano Filho é um temperamento reflexivo, e os seus desalentos e revoltas são mais pensados que sentidos, sendo a sua tendência mais para as generalizações filosóficas do que para as realizações artísticas. Vê-se nele, mais do que um poeta, um curioso da sociologia, vamos dizer a gêmula de um sociólogo. E não será como poeta, salvo melhor juízo ou a lógica irrefutável dos fatos, que poderá alcançar as vitórias que a sua inteligência prenuncia. Falta-lhe, para isso, o apuro do sentimento artístico, não obstante o seu poema "A Arte", e a poesia há de ser sempre arte, malgrado as doutrinas, no campo literário, deste século de transição. O ritmo dos versos do sr. Manoel Caetano Filho é um tanto áspero e, sobretudo, instável, não daquela instabilidade que os parnasianos denominavam "insegurança", se se obtinha pela mobilidade das cesuras, para fugir à monotonia. No caso do sr. Manoel Caetano Filho o que se observa é que o verso lhe não é dúctil, é que o seu sentimento não se submete àquele círculo vicioso da arte poética: a emoção cria o ritmo, o ritmo produz a beleza, a beleza desperta a emoção... De tudo se conclui que não há poesia, poesia pura, aquela que é mais sensibilidade que pensamento, mais emoção que raciocínio, nos versos do novel poeta. As exceções nesse particular, como Leopardi, Sully, Prudhomme e Goethe,

ainda que em miniatura, por isso mesmo que exceções, não representam regras. Também o poeta possui todos os defeitos de sua irmã e companheira, sem possuir, contudo, muitas de suas virtudes. Assim é o abuso da palavra "todo". Apenas alguns exemplos: *todas as caras* (p. 109), *todas as cousas* (p. 111), *todas as almas, todas as dores* (p. 115), *todos os povos, todas as crenças, todas as raças, todos os homens* (p. 119), e sempre assim. Uma das imprecisões típicas do livro:

> *Os homens começaram a andar de um lado para outro*
> *na rua deserta.*

Imagine-se uma rua deserta com homens andando de um lado para outro...

Reconheço, entretanto, que são nonadas tudo isso, e não vacilo em augurar ao jovem poeta um belo futuro, em diversa atividade intelectual. E para justificar a sua presença diante de sua companheira de livro e afastar a conclusão de uma suposta inferioridade de nível mental, bastam as palavras de Eduardo Frieiro, em sua *Ilusão Literária*:





> *Quem nos diz que, num futuro próximo, não será deixada exclusivamente ás mulheres toda atividade literária? Aos homens incumbiriam tarefas mais sérias, mais árduas, mais construtivas. Compor versos parecerá então ocupação tão ridícula e tão pouco varonil como nos parece hoje o bordar almofadas ou fazer crochê.*

Diante disso, que dizer dos poetas que preparam, carinhosamente, suas mensagens para o futuro? Só há um recurso: reconhecer a razão do dr. Isaías Alves quando, num de seus livros, aconselha aos poetas que troquem a lira pela enxada, e, às musas, prefiram as hortas...

# Nossos Poemas[1]

Castro Alves e a "poesia morreu" do sr. Augusto Frederico Schmidt – são temas a que não se pode fugir falando sobre poesia. Porque Castro Alves está sempre presente e o sr. Schmidt de certa forma tem razão. Depois do poeta dos escravos, a verdade é que temos tido apenas alguns bons poemas, mas nenhum grande poeta. Esses poemas têm surgido ocasionalmente da pena de um ou outro poeta, como aves perdidas do bando: "Hurucungo", de Bopp, "Acalanto de Seringueiro", de Mario de Andrade, "Noite de maio" e "Mineiros asturianos", de Aydano do Couto Ferraz, "Aurora", de Carlos Drummond, além de alguns mais do sr. Camargo Guarnieri.

Sem nenhuma dúvida, liricamente falando, a maior organização poética destes tempos no Brasil é o sr. A. F. Schmidt. Mas não passa de uma organização poética. Esse homem vive muito no mundo dos câmbios para se preocupar com os homens ou mesmo pensar que eles existem. O sr. Schmidt criou uma escola, fez urna verdadeira praga de discípulos que pululam por todos os Estados, como sócios correspondentes de uma imensa cadeia da felicidade. Esses poetas estaduais ficaram muito tristes quando o chefe da escola disse um dia, para meter-lhes susto, que a poesia tinha morrido. Não perceberam que aquilo era uma senha e queria dizer apenas: Os negócios vão mal. O câmbio está baixo. Depois, as taxas melhoraram e o sr. Schmidt ressurgiu como um dos piores poetas de sua própria escola. Para ele a poesia tinha morrido mesmo.

Mas o sr. Schmidt só olhou a poesia, quando, se tivesse procurado abranger um maior espaço com suas lunetas, teria percebido que toda a literatura brasileira estava morta ou quase expirando. Pelo menos inteiramente estagnada desde há vários anos. Estagnou à proporção que os que haviam começado o movimento revolucionário (literariamente falando) de 1930 foram se engajando na vida. É o fenômeno Knut Hansum.



[1] Publicado na revista literária *A Seiva*, Salvador, outubro de 1942, p. 45. Texto anônimo. Revista cultural de esquerda, *A Seiva* foi fundada por João Falcão, membro e depois dirigente do PCB, em 1938, perdurando, em sua primeira fase, até 1943. Conheceu uma segunda fase, a partir de 1950, quando foram publicados cinco números. Foi meio importante de aglutinação de intelectuais de esquerda e de divulgação de suas ideias. Jacinta Passos colaborou com a revista, havendo mais informações sobre o assunto na biografia da autora, neste volume. Cf. Falcão, João. *A história da revista Seiva.*

No entanto, ainda há grandes esperanças. É possível que um dia outro movimento renovador – que vá ao fim e não pare em meio do caminho – apareça no Brasil. E é provável que esse movimento já se esboce. Há muitos sinais promissores.

*Nossos Poemas*, de Jacinta Passos e Manuel Caetano Filho, é um livro de jovens que não se filiam ao sr. Schmidt ou a qualquer outro dos nossos poetas estagnados. São criaturas deste mundo que veem coisas terrenas (embora se note que a poetisa ainda está um tanto perdida pelos céus e só mais recentemente vai se aproximando da terra, vendo que a terra é habitada, que existem motivos para poesia aqui embaixo mesmo: homens, mulheres e crianças, e que esses homens, mulheres e crianças lutam e morrem e sofrem muitíssimo antes de morrer).

A grande qualidade do sr. Manue1 Caetano Filho é ter percebido tudo isto antes mesmo de ter tido tempo de dar forma à sua poesia. Mas é um poeta que está inteiramente integrado na Humanidade, sente os seus sentimentos e percebe claramente tudo quanto ela necessita. Trazem esses poetas alguma coisa de novo. Eles compreendem, como o Goeldi, que os aviões jogam mesmo bombas sobre as nossas cidades, e não flores.





Há enormes diferenças essenciais na poesia dos dois poetas. Mas o que nos interessa é que têm ambos esse traço comum: uma sinceridade sem limites que os leva a expressar tudo quanto sentem e pensam.

Não importa, assim, que o sr. Manuel Caetano Filho seja mais cerebral do que sentimental – o que talvez seja uma qualidade da sua poesia; como não importa igualmente que a sra. Jacinta Passos ainda não tenha encontrado claramente o seu caminho. Mas não tardará a encontrá-lo.

As qualidades de sua poesia são excelentes, nada ficando a dever, em expressão poética propriamente dita, a qualquer dos poetas que fizeram os grandes poemas a que nos referimos.

*Nossos poemas* é uma contribuição ao pensamento honesto do Brasil.

Felizmente que a grande causa que hoje envolve toda a humanidade já começa a ser uma causa das novas gerações intelectuais do nosso país. *Nossos poemas* assim o indica.

# O poeta e a poetisa[1]

*Antonio Cândido*[2]

Comentando há três anos o livro de estreia do sr. João Cabral de Melo Neto, *Pedra do sono*, julguei discernir no jovem autor um dos poetas mais promissores da sua geração. *O engenheiro*, seu segundo livro, recentemente publicado, não deixa mais dúvidas a respeito.

*Pedra do sono* parecia um livro de experiência. Comparado com a maturidade e a firmeza de *O engenheiro*, nos dá a impressão de tentativa e de pesquisa técnica, representando na obra do sr. João Cabral a fase preparatória de polimento e ajuste dos instrumentos. Recuando para o segundo plano que lhe compete agora, a sua geometria se movimentou e deu origem à física poética de *O engenheiro*, cujas leis determinadas com sabedoria se corporificam em fenômenos de movimento, animando uma atmosfera mais densa e mais viva, em que as linhas e os pontos em rotação deram origem a entidades seivosas e ricas. Depois das experiências do primeiro livro o poeta já sabe dispor, na dinâmica da inspiração, as





*20 palavras sempre as mesmas*
*De que conhece o funcionamento*
*A evaporação, a densidade menor que o ar.*

Libertando-se da experimentação preliminar, o sr. João Cabral pôde realizar em *O engenheiro* uma aventura lírica muito mais significativa e, dirigindo-se livremente aos valores da inspiração, dar-lhe um conteúdo emocional mais rico que o de *Pedra do sono*.

---

[1] Publicado originalmente no jornal *Diário de São Paulo*, 13 de dezembro de 1945. Agradeço a Angela Baptista a indicação deste texto. E agradeço ao prof. Antonio Cândido e à sua filha, Laura de Mello e Souza, a remessa do texto (no exemplar original do jornal!).

[2] Antonio Candido de Mello e Souza é um dos mais respeitados estudiosos e críticos de literatura do país. Carioca criado em Minas Gerais, desenvolveu carreira em São Paulo, onde se radicou em 1936 e onde, durante décadas, foi professor da Universidade de São Paulo (USP). Publicou, entre outros, *Formação da sociedade brasileira* (1959) e *Literatura e sociedade* (1965). A partir de 1940, publicou regularmente ensaios e críticas sobre literatura e cultura nos principais jornais e revistas do país. Recentemente, sua importante produção dispersa começou a ser reunida e publicada em livro, acompanhada de apresentações e estudos críticos, como em CANDIDO, Antonio. *Textos de intervenção*. Seleção, apresentações e notas de Vinicius Dantas. São Paulo: Editora Duas Cidades/Editora 34, 158 (Coleção Espírito Crítico), 2002, p. 153-158.

O nome não é mal posto. O poeta parece se interessar sobretudo pelo mundo da arte, construído graças à ordenação criadora do artista sobre o material das emoções e das sensações. Por isso, cria uma natureza ao lado da natureza – a natureza da criação estética, se opondo à da criação natural e lhe fazendo concorrência. Temos, portanto, no livro, dois mundos: o mundo natural e o mundo poético. Exercendo a engenharia poética sobre um mundo de formas e valores diversos dos naturais, nem por isso o sr. João Cabral procura anular a este, como adiante veremos. Falando por enquanto do universo forjado, assinalemos que ele se define por uma série de metáforas de instrumentos. É, portanto, intencionalmente, o universo da criação artística, artificial, em que as musas, as árvores, os rios, os pássaros, os lagos são, frequentemente, substituídos por imagens como papel, lápis, bailarina, tinteiro, borracha, tinta. Nesse mundo de vontade e inspiração, nasce a obra de arte, diferente da obra natural. Maravilhado, o poeta, que o suscitou, duvida da sua validade:





*Como um ser vivo*
*Que é um verso*
*Um organismo*
*Com sangue e sopro*
*Pode brotar*
*De germes mortos?*

O verso é fruto de uma técnica, por meio da qual, conscientemente, invoca os mistérios adormecidos:

*A tinta e lápis*
*Escrevem-se todos*
*Os versos do mundo.*
*Que monstros existem*
*Nadando no poço*
*Negro e fecundo?*

Não lhe parece que da sua vontade, dos seus recursos, seja possível brotar uma natureza tão válida quando a natureza natural, que, essa, existe por obra e graça de uma força mágica e extra-humana:

*Os homens podem*
*Sonhar seus jardins*
*De matéria fantasma*

*A terra não sonha*
*Floresce na matéria*
*Doce aos olhos.*

O engenheiro-poeta percebe o seu artifício de animal-que-sonha e fica meio preso entre a realidade incriada em que a terra floresce e o impulso interior de criar, ordenar a revelação dos sentidos. Haverá razão para isso? Qual o valor dessa concorrência à natureza? Um dos temas principais do livro é o problema da criação poética, cujos símbolos o sr. João Cabral procura renovar, conforme vimos. Haverá um certo alexandrinismo nessa substituição de metáforas – lápis e caneta em vez de lira; engenharia em vez de inspiração etc. Não se pode negar, todavia, que sejam sugestivas e adequadas a um poeta que se coloca entre a inspiração e a fatura do verso com uma ansiedade que revela a sua consciência artística.

O mundo criado pelo sr. João Cabral tem aparições, habitantes, monstros, cenas que o tornam autônomo e rival do mundo cotidiano. Stefan George criou um mundo subterrâneo em que imperava Heliogábalo e onde os valores se transmutavam para simbolizar a sua concepção da vida. Lendo *O Engenheiro*, sentimos certos apelos de uma outra vida, em que os tinteiros são reservatórios de monstros, as pessoas se calcificam em monumentos e as bailarinas pertencem a uma fauna original. Não obstante (e nisto reside um dos encantos do livro), o sr. João Cabral se esforça por dotar a natureza do seu livro com a espontaneidade e a beleza sem artifícios que o impressionaram na natureza natural (*A terra não sonha...*). Daí a sua busca de simplicidade essencial, como o bom engenheiro, que faz beleza com um máximo de poupança:





*A luz, o sol, o ar-livre*
*Envolvem o sonho do engenheiro*
*O engenheiro sonha coisas claras:*
*Superfícies, tênis, um copo d´água;*

ou:

*O jornal dobrado*
*Sobre a mesa simples*
*A toalha limpa*
*A louça branca*
*E fresca como o pão (...)*
*E o verso nascido*

*De tua manhã viva*
*De teu sonho extinto*
*Ainda leve, quente,*
*E fresco como o pão*[3]

Estas citações de um despojamento tão acolhedor, embora extremamente elaborado, mostram o encanto do sr. João Cabral pelo mundo tangível. A outra metade do livro, como indiquei acima, é pois uma aceitação da natureza, posta no mesmo plano que o mundo da arte. O resultado consiste numa síntese em que o poeta, depois de ter criado um mundo à parte, volta ao mundo natural e o interpreta novamente. E não ficamos sabendo quais as leis que predominam, tanta é a fusão de ambos. Ora a natureza nos parece interpretada segundo as leis da engenharia poética, ora o mundo forjado por esta parece regido pelas leis da natureza.





Graças a esta posição humana e compreensiva, o sr. João Cabral dá dignidade à poesia intelectualista, frequentemente construída sobre as ruínas do mundo exterior e provida de um orgulho insuportável hoje em dia. Em *O Engenheiro*, e apesar do nome, não encontramos mais o preconceito, corrente até pouco, de que a liberdade e a autonomia do artista consistem em substituir a natureza pela mecânica. O sr. João Cabral despreza a invocação às máquinas, às turbinas, compreendendo que essa maneira de afirmar o domínio sobre a natureza pertence ao técnico, e não ao poeta, que tem outros recursos: para ele as criações da técnica são também natureza, opondo-se igualmente ao mundo da ordenação artística. Desprezando sabiamente esta poesia de mecano[4] – idolatrada pelo futurismo e pelo modernismo *tout court* –, o sr. João Cabral animou os tinteiros, as borrachas e os lápis com um sopro panteísta, em vez me mecanizar as árvores e drenar os ventos. Daí a vibração do seu verso, a riqueza das suas paisagens de sonho e das suas visões da natureza. A jovem poesia brasileira nada produziu de melhor que "Estações", poemas em que a estilização funde os dados da sensibilidade em símbolos e imagens de uma beleza extraordinária.

* * *

Bem diferente é *Canção da partida*, da sra. Jacinta Passos.[5] A jovem poetisa baiana passa de uma concepção totalmente diversa da de seu colega pernambucano. Os ritmos populares, a melodia elementar e o canto de esperança formam a matéria de seu livro. Em vez de criar um mundo à margem do nosso, a sra. Jacinta Passos mergulha de alma e corpo nos ritmos e nas realidades que a vida oferece.

---

[3] Neto, João Cabral de Melo. *O Engenheiro*. Rio: Amigos da Poesia, 1945. (Nota do texto original).
[4] No original: "mécano".
[5] Passos, Jacinta. *Canção da partida*. S.Paulo: Edições Gaveta, 1945. (Nota do texto original)

Do ponto de vista plástico o mundo lhe basta tal qual é; a sua sensibilidade esposa ardentemente as formas da vida e encontra nelas um deleite sem maiores exigências.[6] O seu desejo de transformação é menos estético do que social, por isso em vez de se deter no estudo das formas como o sr. João Cabral, procura sempre o conteúdo humano das experiências. Canta recordações, lembra cenas e fatos, dá expansão aos sentimentos, se exalta nas profecias e no desejo de transformar a vida:

*Levantai-vos, párias de todo o mundo!*
*Não vedes? Ela vem vindo, a Estrela do Oriente,*
*alta, bela, imponente, os pés plantados no chão,*
*traz o fogo no olhar e uma foice na mão.*

Este tom solene e meio profético me faz lembrar as poesias da primeira fase da sra. Jacinta Passos, de que ela guardou a austeridade formal e a elevação de tom. Prefiro-a, todavia, nos poemas de metro curto, onde revela uma imaginação mais fresca e um encantamento rítmico cheio de seiva folclórica.





*Urupemba*
*urupemba*
*mandioca aipim!*
*peneirar*
*peneirou*
*que restou no fim?*

*Peneira massa peneira,*
*peneira peneiradinha,*
*(Ai! vida tão peneirada)*
*peneira nossa farinha.*

Para a sra. Jacinta Passos o mundo do exterior e a vida existem com uma soberania à qual não há fugir. Daí o seu apego às recordações, ao som das palavras, aos ritmos de movimento, à associação das imagens visuais e auditivas. Não se pense, todavia, que a sua poesia seja barulhenta e colorida. Há nela zonas de silêncio e de ternura, a fazerem contraponto com a relativa exuberância da maioria dos poemas. Todavia, o tom normal dos versos é a exaltação e o movimento – imagens que se sucedem em borbotão, visões ampliadas da realidade. Mesmo nos poemas de amor há entusiasmo e ruído:

---

[6] No original: "sem maiores existências."

*Somos amantes*
*queremos amar!*

*Hurra!*

Se o adjetivo não fosse tão vulgar, eu diria que *Canção da partida* nos revela uma poesia dinâmica. Os seus versos estão sempre se deslocando em planos diversos; vertigem de ritmos, desejo de mudança social, projeção no futuro, volta ao passado. Lendo-os, sentimo-nos envolvidos por uma atmosfera viva e opulenta, criada pela sensibilidade de uma poetisa cujos pés se fincam resolutamente na realidade experimentada. Este senso de apego às coisas e às pessoas talvez seja responsável pelos defeitos do livro, ou seja, uma certa vulgaridade discursiva, um sentimentalismo por vezes fácil demais e, não raro, uma demagogia que a autora não sabe evitar. Mas, por outro lado, é também a ele que devemos a sugestão dos bons poemas, que formam a grande maioria do livro. Poemas como o admirável "Canção da partida", que abre o livro, ou "Canção simples", que o encerra. Penso que a sra. Jacinta Passos se firmou com este livro numa posição de primeira plana na moderna poesia brasileira.



# Fevereiro 28[1]

*Sérgio Milliet*[2]

Jacinta Passos estreia com um belo livro de poemas.[3] *Canção da partida* se caracteriza por uma sensibilidade que, por ser bem feminina, nada tem de piegas. Há em seus versos um tom grave, um certo recato arisco, uma ternura calma e penetrante a um tempo, que me agradam de verdade. Essa voz de acalanto não desdenha os ritmos populares dos quais, como artista, sabe tirar efeitos felizes. A riqueza por assim dizer melódica de nosso folclore está longe de ter sido esgotada. Mas é no Norte, sobretudo, que os poetas a tem sabido explorar. Um Ascenso Ferreira, em Pernambuco, alcança acentos épicos por vezes. Uma Jacinta Passos, na Bahia, atinge uma expressão de comovedora ternura. Alma aberta para o mundo, Jacinta Passos não quer confinar-se ao lirismo simples de seus melhores versos. Tenta penetrar sentimentos mais complexos, e com seu entusiasmo e sua honestidade moral embrenha-se pelas selvas traiçoeiras da poesia social. É certo que consegue vencer o maior dos obstáculos: a demagogia, mas não é menos evidente que ainda não se acha bastante amadurecida para arrancar de tão ingrato tema notas percucientes. Com grande dificuldade evita, então, o convencional. A seu favor sobra, contudo, o ritmo largo encontrado para os versos, como ainda fica a seu crédito a discrição das imagens. Muitas vezes, porém, ambas as coisas se unem e temos os melhores poemas. Ao *leitmotiv* folclórico agrega-se o pensamento social. Ao lirismo individual se acrescenta a consciência de uma participação mais ampla:



[1] Publicado em *Diário Crítico de Sérgio Milliet* – Volume IV - 1946. 2. ed. S.Paulo: Livraria Martins Editora / Editora da Universidade de São Paulo, 1981. O título deste artigo, portanto, é o da data (28 de fevereiro de 1946) em que Sérgio Milliet o inseriu em seu diário. Não se localizou a publicação do texto em outro veículo.

[2] O paulista Sérgio Milliet da Costa e Silva (1898-1996) foi poeta, escritor, jornalista, tradutor e crítico literário de méritos reconhecidos e muita influência sobre nossa cultura. Participou na Semana de Arte Moderna, criou revistas culturais e dirigiu, entre outras, a Biblioteca Municipal de São Paulo, a Associação Brasileira de Escritores e a Associação Brasileira de Críticos de Arte. Publicou livros, como *Poemas* (1937), *Alguns poemas* (1957), *Cartas à dançarina* (1959), *De ontem, de hoje e de sempre* (2 vls.,1960 e 1962) e *Diário crítico* (vários volumes).

[3] Jacinta Passos em verdade estreou com o livro *Nossos poemas*, de 1942, em coautoria com o irmão, Manoel Caetano Filho. A parte deste livro que contém os poemas de Jacinta intitula-se "Momentos de Poesia", constando da presente edição.

*Menina, minha menina,*
*carocinho de araçá.*
*cante*
*estude*
*reze*
*case*
*faça esporte e até discurso*
*faça tudo o que quiser*
*menina!*
*não esqueça que é mulher.*

*Minha terra tem gaiola*
*onde canta o sabiá*

Jacinta Passos nunca se esquece de que é mulher. Mas a poetisa tem gaiola em sua terra e sente forrar-se subterraneamente um mundo melhor.





*O país para onde vamos,*
*Vitalina!*
*fica aqui, fica na China,*
*fica nas bandas do sul,*
*fica lá no Polo Norte,*
*principia onde termina,*
*muito além daquele monte,*
*lá na linha do horizonte,*
*onde a terra encontra o céu.*

O verso de sete sílabas, não raro rimado, reintegra na música popular a poesia que certas decomposições mais sabidas do ritmo haviam antes requintado. De costume a autora parte do popular e do coletivo para o lírico pessoal. Chega mesmo a abusar do método, o que parecer irritante a muitos, mas a mim não incomoda.

*Eu fui por um caminho.*
*Eu também.*
*Encontrei um passarinho.*
*Eu também.*
*Passarinho! Queres um ninho?*
*Eu também.*

*Passarinho virou um homem.*
*Ai! meu bem.*

*Agora és tu.*
*Agora eu sou,*
*amar é doce,*
*meu corpo eu dou.*

*Agora muda o sol.*
*Eu também.*
*Agora muda a terra.*
*Eu também.*

Logo adiante, no segundo poema de amor, a solução é repetida. E satisfaz:

*Entrou por uma porta,*
*saiu pela outra.*
*.....*
*Não queiras nunca ser dono,*
*negro!*
*Ah! negro, do meu amor!*





Menos feliz porque já demasiado usado no início do modernismo, na época gloriosa de *Pauliceia Desvairada*, do *Poema giratório* e outros, é a solução das associações de ideias:

*Estamos morrendo!*
*Ninguém arranja um remédio*
*nem mesmo alegórico?*
*Elixir paregórico!*
*Vacina!*
*Mandem comprar penicilina,*
*ligeiro.*

De quando em quando o popular cai francamente na embolada. Então, embora o ritmo agrade, nem sempre se tem a convicção de sua necessidade no poema.

*Olhe o rombo*
*olhe o rombo*

*olhe o rombo arrombou!*
*Olhe o cisco*
*olhe o risco*
*Urupemba furou.*

A autora parece tomada pelo encanto (no sentido mágico) das palavras, dos sons onomatopaicos. Com volúpia se entrega ao feitiço e acaba caindo no hermetismo. Sua poesia, por isso, age no sentido comunicativo antes por contágio, sugestão ritual, que por expressão essencial. Esta é ainda primária e quase nunca se percebe através de uma síntese aguda (imagem), mas se revela em estados de transe provocados por movimentos vindos de outros epicentros. Isto é, a poesia da autora nasce o mais das vezes na periferia de sua sensibilidade e se propaga em direção do centro. Assim ela é antes uma repercussão de emoções alheias, percebidas por meio de leituras e de intuições, que uma exigência imperiosa, urgente, frenética da própria personalidade.

Ainda padece Jacinta Passos de uma certa carência de malícia na técnica do verso. Precisa sem dúvida alguma superar a sua inocência um pouco primitivista, e portanto saborosa, mas algo primária e monótona. Há simplicidade e simplicidade. Simplicidade inocência e simplicidade decantação. A esta é que se deve chegar.

# A Coluna[1]

*Paulo Dantas*[2]

A legenda heroica da Coluna Prestes serviu como roteiro e motivo principal para o poema em quinze cantos de Jacinta Passos, poetisa baiana de muita autenticidade e talento. Autora já de três livros de poesia (*Momentos de poesia*, 1942; *Canção da partida*, 1945 e *Poemas políticos*, 1951), Jacinta Passos não é nome desconhecido na moderna poesia nacional. Na feição do poema participante, do poema de luta e de reivindicação social, fez sucesso, destacando-se como uma das vozes mais claras e gritantes da nossa poética militante.

A sua volta em livro reveste-se, pois, de significação neste momento em que a moderna poesia brasileira debate-se à procura de caminhos novos e de saídas populares. O que mais impressiona neste poema de Jacinta Passos é a enorme percepção folclórica de conteúdo heroico-popular que soube imprimir no ritmo dos seus quinze cantos.



Poema que participa das formas do abc e do canto épico, das expressões colhidas no seio do povo, *A Coluna* de Jacinta Passos, apesar de certas desarticulações líricas ou de pequenos vácuos mentais, é peça literária digna da nossa atenção. Realizou-a uma sincera vocação poética, toda ela impregnada das exatas acentuações da heroicidade popular nativa.

Livro que atesta o poder da "brava gente" brasileira, cantada e enaltecida num dos seus mais positivos movimentos de arrancada social, de redescoberta do Brasil e dos caminhos de sua miséria, *A Coluna* de Jacinta Passos, além de

---

[1] Publicado em *Revista Brasiliense*, nº 15, jan./fev. 1958, p. 199-201. Fundada em 1955, em São Paulo, pela Editora Brasiliense, como uma revista de esquerda independente, por um grupo de intelectuais e militantes comunistas – entre os quais, Caio Prado Júnior (proprietário da Editora Brasiliense, que publicava a revista), Elias Chaves Neto (seu primeiro diretor), David Rosemberg e Salomão Schattan —, a Revista Brasiliense foi um veículo importante para o debate no meio da esquerda, num período em que, por diversas razões, os espaços para esse debate haviam se reduzido muito. Agradeço a Gilfrancisco a localização deste texto.

[2] O autor assina apenas "P.D.", porém a autoria de outras críticas na mesma revista permite identificá-lo como Paulo Dantas (Neto), que, à época, integrava o conselho de redação da *Revista Brasiliense*. O jornalista, escritor e crítico Paulo Dantas (1922- 2007), nascido em Sergipe e morador em Salvador, Rio e Brasília, foi um intelectual de esquerda, durante anos membro do PCB. Publicou mais de trinta títulos, entre romances, ensaios, biografias e antologias, sendo os mais populares *Cidade Enferma* (1950) e *Capitão Jagunço* (1959). Foi especialista em figuras históricas como Delmiro Gouveia e Antonio Conselheiro – tornou-se um dos maiores estudiosos da Guerra de Canudos –, e em escritores como Monteiro Lobato, Guimarães Rosa e Euclides da Cunha.

grito de amor é peça histórica que agora se incorpora ao nosso cancioneiro, colocando-se ao lado de outros poemas no gênero, cuja tradição vem desde "O navio negreiro" de Castro Alves ou dos cânticos guerreiros de Gonçalves Dias.

A poetisa não esconde o ardor do seu entusiasmo pelo feito heroi-co do *Capitão Prestes, comandante sem par*, epigrafando assim o seu poema:

*Coluna, tu és a herança*
*que os pais transmitem aos filhos*
*como abc de criança.*

E num baianismo típico, à Castro Alves, rompe as nuvens de fogo do seu poema, exaltando e cantando:

*Ó céus e terras, tremeí*
*que a Coluna já partiu*
*Neste ano de Vinte e Quatro*
*todo o Brasil sacudiu*
*será Coluna de fogo*[3]
*que o viajante já viu*
*Coluna de vento e areia*
*dos desertos desafio?*
*Ó céus e terras, tremei*
*que a Coluna já partiu*





Neste ritmo, jamais superado porque participa do fôlego popular da nossa gente, inicia a poetisa a marcha heroica da Coluna cantada, a qual se desdobra em várias peças líricas, que poderão ser lidas inde-pendentemente da organicidade geral do poema, já que subdividido em vários episódios A *Coluna* procura ser sinfonia e participação, história e quadro, visando e atingindo o mural nordestino.

Como na guerra de Canudos, a Coluna Prestes também possui isto de grande e de fundamental: a presença dos humildes nas páginas da História nacional, já que nela lutaram bravos filhos do povo, verdadeiros heróis de espantar.

Canudos foi o protesto da plebe rural contra a incompreensão do litoral, da civilização que o ignorava, protesto explosivo e meio in-consciente. Já a Coluna Prestes, episódio mais lúcido e orientado em busca de uma saída, foi a marcha da redescoberta do "Brasil brasileiro", do "sertão sertanejo." Embora o oficialismo dos compêndios históricos, com medo e no pavor que as convenções criam, não

[3] Para uma análise literária do significado desta expressão, cf. adiante, nesta Fortuna Crítica, o texto "Coluna de Fogo", de Ildásio Tavares, escrito para a atual edição.

proclamem nem exaltem episódios tais, dando-lhes o merecido e exato valor, eles se impõem na imaginação popular, que exige o seu reconhecimento, Os heróis anônimos de Canudos e da Coluna Prestes fazem parte *daqueles que se tombaram, foi no chão da História*.

Daí o nosso regozijo quando aparecem vozes do porte de uma Jacinta Passos para restaurar feitos de tal natureza, arrancando do limbo heróis do porte de um José Tomás, *treze anos tão valentes,/ menino do Piauí*, de um camponês Joel, *do sertão /,(...) soldado de Prestes, Seu Capitão*, de um Zé Viúvo, jagunço de pontaria certeira, *o olhar luzindo/ aceso na escuridão*. Ou então daquelas quarenta mulheres guerreiras, na passagem difícil que a guerra provou, como aquela "*Onça" mulata,/ de belos quadris/ que dança maxixe/ carrega fuzis*, Hermínia, perita enfermeira, *Tia Maria, rezadeira de corpo fechado*.

O desfile dos heróis que combateram duro combate prossegue nas entonações líricas do poema de *A Coluna,* tecido em cantos por Jacinta Passos, sensitiva tecedeira e poetisa de vibrante coração.

Da força que sai de dentro de um telurismo épico, Jacinta Passos soube arrancar o seu poema, revestindo-o de diademas em quinze cânticos que colocou na fronte do povo em marcha, guiado pelo "comandante sem par". Apoiada no coração da massa, poetando com a ajuda poderosa do afluxo heroico de um punhado de bravos, feito a Coluna a rasgar a indolência nacional do Sul ao Norte, Jacinta Passos escreveu um belo poema de ritmo e pulsação brasileira.





A poetisa muitas vezes atinge um estado lírico total, que ficamos a imaginar o quanto de ingenuidade ela não teve de arrancar do seu coração para atingir cristalizações como estas:

*Que medida para medir*
*esse caminho de esperanças*
*e lutas que abriu tão fundas*
*sementeiras de lembranças.*

# Entre lirismo e ideologia[1]

*José Paulo Paes*[2]

## Nota editorial:

Quando Janaína Amado Figueiredo me convidou para organizar esta reedição da obra poética de sua mãe, aceitei o convite com alegria. Conheci pessoalmente Jacinta Passos em 1947 e dela guardo até hoje uma enternecida lembrança. Tampouco se me apagou da memória, estes anos todos, a impressão que me causou a leitura da sua *Canção da Partida***.** Eu começava a ensaiar os primeiros passos como poeta e, à semelhança de alguns dos meus companheiros de geração, preocupava-me a questão da arte dita participante. Foi na desafetação do engajamento lírico-folclórico de Jacinta Passos e de Sosígenes Costa, onde não havia lugar para a demagogia nem para o sectarismo, que encontrei a primeira resposta às minhas interrogações. O tempo e as buscas haveriam de me ensinar mais tarde outras respostas, mas aquela foi decisiva no abrir-me os caminhos da poesia.



Em 1977, graças ao empenho do James Amado, que já me ensinara a admirar os versos de Sosígenes Costa, pude, através de "uma tentativa de descrição crítica" aparecida em volume sob o sosigenesiano titulo de *Pavão Parlenda paraíso***,** amortizar a minha dívida para com a memória do poeta. Agora é a filha de James Amado e de Jacinta Passos quem me dá a oportunidade de, no estudo que serve de prefácio a esta reedição, organizar noutra tentativa de descrição crítica as minhas notas de leitura de uma obra poética que, com justiça, Antonio Cândido situou em "posição de primeira plana na moderna poesia brasileira".

---

[1] Paes, José Paulo. "Entre lirismo e ideologia". Escrito especialmente para a segunda edição do *Canção da Partida* (Salvador: Fundação das Artes, 1990), este texto foi publicado parcialmente na revista *Exu*, Salvador, Fundação Casa de Jorge Amado, nº 7, jan/fev. 1989, p. 28-35. Agradeço a Dora Paes a autorização para republicar o texto.

[2] O paulista José Paulo Paes (1926-1998) foi um dos mais respeitados poetas, críticos literários e tradutores do país na segunda metade do século XX. Começou a vida literária no Paraná, prosseguindo-a em São Paulo, onde se radicou desde 1949. Entre seus muitos títulos de poesia (para adultos e crianças) e de ensaios, estão *Poemas reunidos* (1961), *Gregos e baianos* (1985), *A poesia está morta mas juro que não fui eu* (1988), *Poemas para brincar* (1991), *Prosas seguidas de odes mínimas* (1992) e *A meu esmo* (1995). Sua obra poética foi postumamente reunida em *Poesia completa* (S.Paulo: Cia. das Letras, 2008). José Paulo Paes traduziu escritores do porte de Lewis Carroll, William Carlos Williams, tendo apresentado, via traduções, diversos poetas gregos modernos e contemporâneos aos leitores brasileiros, tais como Konstantinos Kaváfis, Giorgios Seféris e Nikos Kazantzákis.

# Entre lirismo e ideologia

## I

Nas abas dos *Poemas Políticos*, terceira e ultima coletânea de versos de Jacinta Passos, publicada em 1951, estão transcritas opiniões da crítica acerca de seu livro anterior, *Canção da Partida*, de 1945**.** Roger Bastide louvava ali a "síntese entre o sabor das formas folclóricas e o sentimento da miséria dos homens, da solidariedade no sofrimento, a profecia de um mundo mais justo e mais fraternal", ao passo que Aníbal Machado sublinhava a sua amplitude de "canto de poesia que vai da ternura mais íntima ao grito largo de libertação, voz da maioria das mulheres conscientes e profundas". Também Sérgio Milliet chamava a atenção, naquele a seu ver "belo livro de poemas", para a afirmação de uma "sensibilidade que, por ser bem feminina, nada tem de piegas". Mário de Andrade, por sua vez, não se furtava a reconhecer-lhe "realidade poética" fora de qualquer dúvida, e Antonio Cândido ia mais longe quando dizia que "Jacinta Passos se firmou com este livro (...) numa posição de primeira plana na moderna poesia brasileira".

Diante de opiniões tão favoráveis, se não é de surpreender, é sempre de lamentar esteja a poesia de Jacinta Passos ausente das livrarias há tantos anos, já que nenhuma de suas obras foi jamais reeditada. Para essa ausência, há razões de vária ordem, desde o reconhecido descaso do leitor brasileiro de hoje pelos livros de poesia, o que os condena, com raríssimas exceções, a uma vida editorial lamentavelmente curta, até as perturbações mentais que, pouco depois da publicação dos *Poemas políticos*, enfermaram sua autora e que acabariam por levá-la à morte. Com isso truncou-se uma vocação cuja legitimidade se anunciava desde *Momentos de poesia*. Neste volume de 1942 estavam reunidos os primeiros versos de Jacinta ao lado dos de seu irmão Manoel Caetano Filho. Versos, os dela, de uma forte religiosidade que diria inspirada pelo *genius loci* do seu nascimento, Cruz das Almas. Não foi porém na sede do município que ela nasceu, a 30 de novembro de 1914, e sim numa fazenda das proximidades, a de Campo Limpo, propriedade de seu pai. Nesta típica fazenda do interior baiano, cujos hábitos patriarcais seriam rapsodicamente evocados no poema-título da *Canção da partida*, viveu Jacinta uma parte de sua infância; a outra seria passada numa cidade vizinha, São Félix, à beira do rio Paraguaçu, que defrontava Cachoeira, onde seu pai foi fiscal de imposto de consumo, todos esses toponímicos aparecem também no mesmo poema. Nele é referida ainda a mudança da família para Salvador, quando o seu chefe foi eleito deputado estadual na legenda de UDN, investidura que voltaria a conquistar outras vezes e que em duas ocasiões alternaria com a de deputado federal constituinte.[3] Na capital da Bahia, Jacinta cursou a Escola Nor-



[3] *Deputado federal constituinte*: deputado estadual constituinte

mal, diplomando-se em 1932 com distinção. No ano seguinte, passou a ensinar Matemática e depois Literatura Brasileira no instituto Isaías Alves.

Os seus anos de juventude foram marcados por uma religiosidade que, como já se disse, transparece ostensivamente nos 38 poemas que lhe formam o livro de estreia. Pouco tendo a ver com os lugares comuns de catecismo em que, por sua condição de Filha de Maria, ela era então doutrinada, essa religiosidade nascia de um temperamento místico para o qual só a comunhão da alma com seu Criador se podia construir na desejada via de transcendência. Segundo o depoimento de familiares, a Jacinta dessa época "costumava comunicar-se diretamente com Deus, sem intermédio de orações, através de intensa concentração".[4] O sinal estilístico de tal comunicação é a frequência com que o vocativo "Senhor" e o imperativo na segunda pessoa do singular – a flexão verbal da súplica – aparecem nos versos de *Momentos de poesia*. Como não podia deixar de ser, estes pagavam tributos aos modelos da poesia religiosa postos em circulação entre nós pelo *renouveau* católico dos anos 20 e 30. Não me refiro aos modelos mais radicais do surrealismo do Murilo Mendes e Jorge de Lima, mas aos modelos mais conservadores de espiritualismo conceituoso de Tasso da Silveira. Esta filiação ajudaria a explicar a modernice ainda tímida dos poemas de estreia de Jacinta Passos, onde o verso livre, de amplo respiro e tom discursivo, nem sempre dispensa o apoio retórico da rima nem obsta o eventual recurso ao verso metrificado. Ajudaria a explicar, além disso, o gosto por motivos convencionais como a tristeza do fim do dia, em "Crepúsculo", ou a ânsia do inatingível, em "O mar", tanto quanto a adjetivação redundante de frases-feitas como *negro abismo insondável* de *Vida morta*, ou *fecundo labor humano*, do "A guerra", que logo trazem à lembrança os reparos feitos por Péricles Eugênio da Silva Ramos a "certas debilidades" da poesia de Tasso da Silveira, sobretudo à sua "adjetivação fraca e por demais repetida".[5]





Há inclusive algo de condoreiro no destemor juvenil com que os *Momentos de Poesia* enfrentavam os chamados grandes temas, a exemplo de a glória e a beleza da vida, a desumanidade do mundo moderno, os enigmas do universo, a integração dos seres no mistério do Ser, e outros que tais. Esses grandes temas são versados, as mais das vezes, numa linguagem cujo poder de convencimento parece ser inversamente proporcional aos recursos de ênfase por ela mobilizados. É o que se pode ver em poemas do tipo de "Momento eterno", em que a efusão amorosa assume, hiperbolicamente, dimensões cósmicas:

---

[4] Esta informação, assim como as demais informações biográficas aqui utilizadas, me foram fornecidas por Janaina Amado Figueiredo, filha de Jacinta Passos. (Nota do texto original).

[5] Ramos, Péricles Eugênio da Silva. "O modernismo na poesia", in: COUTINHO, Afrânio (dir.). *A literatura no Brasil*. Rio: Livraria São José, Vol. III, T. I, 1959, p. 560. (Nota do texto original).

*Apagaram-se todas as limitações porque tu e eu desaparecemos.*
*Existimos fundidos num ser único*
*que ignora a sucessão no tempo,*
*que desconhece as fronteiras onde sua vida termina e a vida cósmica se inicia.*
*perdido no êxtase imenso*
*como um astro sem memória perdido no espaço sem princípio e sem fim.*

Ainda que lances assim hiperbólicos possam ser tidos como consubstanciais a uma alma vocacionalmente mística, ansiosa de unir-se com o seu Criador – cuja infinitude, numa redução panteísta frequente na poesia religiosa, é confundida à multiplicidade da Sua criação –, não é neles que se faz ouvir a voz mais característica da autora de *Momentos de poesia***.** Esta soaria antes naquelas passagens em que, à semelhança de Poverello do "Cântico das criaturas", ela se identifica com as coisas mais simples para através delas celebrar, por diminuição ou hipérbole às avessas, a grandeza do universo-Deus. É o que acontece nesta estrofe de "Súplica":





*Quebra todas as ásperas durezas do meu ser,*
*Identifica-me com todas as coisas*
*para que possa captar as mínimas vibrações da vida cósmica*
*e elevar para ti*
*o canto do louvor da terra toda.*

A vontade de captar o mínimo irá adquirir aos poucos conotações de índole antes social do que estritamente mística. Em "Comunhão", por exemplo, o *canto de amor universal* que ali se propõe, embora proclame abranger *homens de todas as raças, de todas as nações e de todas as classes*, acima das *barreiras criadas pelo egoísmo do homem*, já se compraz em estabelecer certas distinções não destituídas de consequências, extremando.

*Homens ricos e pobres,*
*pobres escravizados aos ricos e ricos escravos do dinheiro,*
*capitalistas importantes e proletários humildes,*
*gordos burgueses satisfeitos,*
*operários que ruminais o surdo rancor das injustiças acumuladas,*
*reacionários conservadores da desordem estabelecida,*
*Comunistas que tendes sede de comunhão humana (...)*

A consciência social a que, por via de suas inquietações religiosas, chegara a autora de *Momentos de poesia***,** vai-se precisar ainda mais na *Canção da parti-*

*da*, ali adquirindo nítida dimensão política, mas por sob cujo utopismo transluz, não obstante, uma religiosidade residual ou fantasmática. De outro lado, o pendor franciscano pelas *coisas mais simples* proclamado em "Poesia perdida", a peça de abertura do livro de estreia – onde, num paradoxo típico da psicologia do misticismo, convive com a soberba de uma alma que, noutra peça do mesmo livro, se confessa *faminta de beleza*, *ávida de perfeição* e tomada de *ânsia infinita* –, esse pendor irá encontrar na simplicidade de linguagem das cantigas de roda e dos cantos de trabalho o clima ideal para o seu florescimento. Tanto que, mais para o fim de *Momentos de Poesia***,** o discursivo do verso longo começa a dividir terreno com o cantábile do redondilho, e os grandes temas vão sendo preteridos por motivos do cotidiano. Três poemas, "Canção simples", "Cantiga das mães" e "Carnaval", são particularmente ilustrativos dessa mudança de registro, prenunciando a dicção icástica da *Canção da partida*. Daí não estranhar fossem aproveitados, com pequenas modificações de forma, no novo livro.

A "Canção Simples" tematiza a desigualdade de direitos e deveres do homem e da mulher na empresa amorosa. Ainda que tal desigualdade possa ser vista como historicamente condicionada, fruto dos *mores* da sociedade patriarcalista, nem tudo nela é redutível ao social. Foi o que D. H. Lawrence viu muito bem ao dizer que "o verdadeiro problema das mulheres é terem sempre de procurar adaptar-se às teorias masculinas acerca da mulher".[6] Infundindo outras conotações ao símile tradicional da flor arrastada pelo ímpeto do rio, Jacinta Passos exprime desafetadamente, nas primeiras quadras da "Canção simples", a dependência da mulher para com a vontade de poder do desejo masculino:



*A flor caída ao rio*
*que a leva para onde quer,*
*sabia disso e caiu,*
*seu destino é ser mulher.*
*Leva tudo e segue em frente,*
*amor de homem é tufão,*
*o de mulher é semente*
*que o vento enterrou no chão.*
.....
*Mulher quando ama, empobrece*
*porque dá tudo o que tem,*
*homem recebe, enriquece,*
*vai receber mais além.*[7]

---

[6] "Give her pattern", *Selected Essays*. Harmondsworth: Penguin Books, 1950, p.19. (Nota do texto original).
[7] Esta última estrofe do poema aparece apenas em *Momentos de poesia*, tendo sido suprimida pela autora, a par de outras mudanças, quando republicado em *Canção da partida*.

Patenteia-se nessa e em outras passagens não apenas aquela sensibilidade marcadamente feminina ressaltada por Sergio Milliet na *Canção da partida* como sobretudo de uma visão *crítica* da condição da mulher, rara de encontrar-se na poesia brasileira. Visão eminentemente poética, entenda-se, não conceitual ou conceituosa, sendo dela a parte integrante um vincado sentimento maternal que informa a temática e a simbólica da poesia de Jacinta Passos. Na "Canção simples", a imagem da semente enterrada no chão, imagem tectônica de que iremos encontrar outras variantes na *Canção da partida***,** foi agenciada, por esse sentimento, assim como dele provêm as constantes referências à infância rastreáveis nos dois livros posteriores ao *Momentos de poesia***.** E é ainda a partir de um símile tradicional, o das árvores a perder seus frutos maduros, que ele aparece pela primeira vez tematizado em "Cantiga da mães":

*Fruto quando amadurece*
*cai das arvores no chão*
*o filho depois que cresce*
*não é mais da gente, não.*
*Eu tive cinco filhinhos*
*e hoje sozinha estou.*
*Não foi a morte, não foi*
*oi!*
*foi a vida que roubou.*



O fato de este poema ter sido aproveitado na *Canção da partida* mostra que, a despeito da preocupação do social ali tão imperiosa, não vai ficar esquecido o existencial, vale dizer, aquilo que diz respeito antes à condição humana em si do que à sua circunstância histórica. Do mesmo modo que na "Canção simples", aqui também a visada ultrapassa o histórico e o social: o rompimento do vínculo mãe-filho, natural e necessário, como o dá a entender o símile do fruto caído, em nível biológico, acarreta em nível humano um sentimento, de perda, nele não menos natural e necessário.

Quanto a "Carnaval", o terceiro dos poemas ilustrativos de uma mudança de rumos na poesia de Jacinta Passos, ele se faz notar tanto pelo localismo do seu enfoque quanto pelo timbre coloquial da sua linguagem, um e outro em contraste frontal com a visada universalista de *Momentos de Poesia* e com a sua linguagem as mais das vezes empostada, "literária". O interesse da poetisa por essa manifestação tão característica da vida popular da Bahia não decorre tão só de seu pitoresco folclórico – ainda que o folclórico vá ser uma das matrizes da *Canção da Partida* – , mas principalmente da efêmera mistura de raças e classes por ele ensejada, irrupção de uma *nova realidade sem nome que dança na rua* e que, numa recorrente ima-

gem tectônico-maternal, vemos emergir de um ainda ignorado "subsolo" cuja natureza os futuros poemas de Jacinta Passos cuidarão de precisar.

## II

*Canção da partida* foi publicado em 1945. Nos anos imediatamente anteriores, sua autora estivera ligada, na Bahia, a movimentos populares encabeçados por grupos de esquerda, o que deixou a sua marca em *Momentos de Poesia*. Não nos versos de inquietação religiosa escritos entre 1937 e 1940, mas naqueles dos dois anos seguintes, em que à inquietação religiosa se vem somar a humanitária. Quando saiu a *Canção da partida***,** Jacinta estava recém-casada com o escritor James Amado, militante do PCB, partido então na ilegalidade e a que ela se filiou em fins de 1945. Mas nem seria preciso recorrer a dados de ordem biográfica para explicar a preocupação participante dos poemas da *Canção da partida*. Eles eram, nisto, o espelho da consciência eminentemente social de uma época a que a resistência antifascista e as agruras da guerra haviam ensinado o sentido prático dos versos de John Donne acerca de que "homem nenhum é uma ilha, completa em si; cada homem é uma parte do continente, uma parte do todo".





É o generalizado sentimento de solidariedade dessa época, o seu sonho de um mundo só, tão depressa desmentido pela realidade de pós-guerra, que se reflete na *Canção da Partida***.** Isso não quer dizer estejam dele ausentes certos exclusivismos de partido. Ainda que fugazmente, eles transparecem numa invocação de "Pânico no planeta Marte", o quinto poema da coletânea, quando os donos da vida (antonomásia então usada por Mário de Andrade e que não tardou a popularizar-se) pedem a Trotski que ressuscite para salvá-los da aniquilação. A caracterização dos trotskistas como lacaios da reação era, como se sabe, o espantalho a que o *establishment* stalinista recorria para prevenir quaisquer veleidades de cisma nas suas bem disciplinadas fileiras. Em favor da *Canção da Partida*, é de justiça ressaltar que fugia inteiramente aos moldes da poesia dita social, tal como era praticada entre nós. Para justificar o diapasão de oratória de comício em que costumavam incorrer, alegavam os seus praticantes alguns precedentes ilustres, como os de Castro Alves e Walt Whitman, mas sem poder amparar-se nem no "melhor pragmatismo", [8] tão bem lembrado por Mário de Andrade a propósito do primeiro, nem na "maior e estranha delicadeza, originalidade e sensibilidade", que para Randall Jarrell faz o segundo muito mais do que um mero "retórico arrebatado".[9] O mesmo Mário de Andrade, resenhando um dos livros de poesia

---

[8] "Castro Alves", *Aspectos da literatura brasileira***.** São Paulo: Martins. s. d., p. 133. (Nota do texto original).

[9] "Alguns versos de Whitman". *A Poesia e a Época***,** trad. E.C. Caldas, Rio: Revista Branca. s.d., p. 94. (Nota do texto original).

participante característicos dessa quadra, assinalava que estava eivado dos "vícios técnicos da demagogia", entre os quais enumerava o "excesso de interjeições, excesso de invocações, apelos aos amigos, aos companheiros, aos irmãos, ar profético". Terminava o crítico por confessar sua irritação com a "piedade... quase vicentina" da maior parte da literatura social daqueles dias, onde ele encontrava não "uma verdadeira e dura fraternidade, tal como a que vibra nos melhores versos de um atual Aragon, do Maiakowski da boa fase, ou do Whitman, mas os vícios de uma desigualdade tradicional, glutonamente cheirosa e esmoler".[10]

Os vícios técnicos da demagogia em que, no arrebatamento místico de sua adolescência, incorreu mais de uma vez a poetisa de *Momentos de poesia*, estão felizmente ausentes da *Canção da partida*. Se aqui se faz sentir ainda um certo ar profético, ao que parece substancial à poesia politicamente idealista, bem como um certo pendor pelas invocações, estas de índole mais afetiva que oratória, um e outras nada têm a ver com qualquer piedade vicentina, originando-se antes de um sentimento de fraternidade que, não sendo exatamente "duro", adjetivo aliás incompatível com a sensibilidade feminina, é sem dúvida verdadeiro, desde que se dê a este segundo adjetivo, como cumpre em se tratando de arte literária, a acepção de convincente. Tenho para mim que o poder de convencimento dos 18 poemas enfeixados na *Canção da partida* advém sobretudo do seu timbre inconfundivelmente lírico, a que não falta de vez em quando, por amor da variedade, uma nota de sátira.





Ao fazer-se uso de um conceito tão fluido quanto o de lirismo, convém ter em mente, com Hegel, que "o conteúdo de um poema lírico é (...) a maneira como a alma, com os seus juízes subjetivos, alegrias e admirações, dores e sensações, toma consciência de si mesma no âmago desse conteúdo".[11] Foi essa lírica tomada de consciência de si no próprio ato de exprimir-se que salvou Jacinta Passos do escolho das generalizações retóricas em que, por equivocadamente fiéis às abstrações de uma ideologia, naufragaram outros poetas, como ela animados – para repetir as palavras com que Roger Bastide saudou a *Canção da partida* – do mesmo "sentimento da miséria dos homens, da solidariedade no sofrimento", do mesmo ideal de "um mundo mais justo e mais fraterno". Em vez de simplesmente tentar pôr em verso as palavras de ordem de uma doutrina política impessoal, cuidou ela de interrogar-se acerca das raízes do seu sentimento do mundo. Tal anamnese, de par com a matéria vincadamente pessoal do seu canto, que Aníbal Machado disse bem ir "da ternura mais íntima ao grito largo de libertação", deitando assim por terra a falsa barreira entre o individual e o coletivo, lhe daria, de

[10] Mário de Andrade, *"*Três faces do eu*". O empalhador de passarinho*. S. Paulo: Martins, s. d., p. 57-58. (Nota do texto original).

[11] Apud Massaud Moisés*, Dicionário de Termos Literários*. S. Paulo, Cultrix, 1974, p. 309. (Nota do texto original).

quebra, o instrumento linguístico mais adequado para exprimi-la, qual seja a singeleza folclórica das cantigas de roda e de trabalho. Uma análise do poema-título da *Canção da Partida* nos possibilitará entender melhor os nexos de necessidades entre matéria e expressão lírica na poesia de Jacinta Passos.

Fez-se referência, mais atrás, aos elementos autobiográficos que lastreiam esse poema, marcos de uma viagem de retorno aos dias da infância. A contradição que, do ponto de vista da lógica estrita, se possa enxergar entre a partida anunciada no seu título e o retorno por ela tematizado, se resolve em termos de lógica poética pela circunstância de o passado ser apenas porto de escala numa viagem que em verdade *parte* do presente para o futuro. Quando a poetisa refaz o percurso de sua vida, é para recolher familiares e amigos disseminados ao longo dela e levá-los consigo no rumo da utopia:

*O país para onde vamos,*
*Estelita!*
*é uma terra tão bonita,*
*parece até invenção*
*(...)*
*Já não vou sozinha agora,*
*vamos, meu povo,*
*diga adeus, vamos embora.*



A figuração da passagem ou viagem da vida – e neste sentido "Canção da Partida" pode ser vista como um rito de passagem da inconsciência social à consciência social – se faz pelo desenvolvimento das sugestões formais de uma cantiga de brinquedo cujo refrão, *passa passa passará / derradeiro ficará*, abre o poema, que está escrito em redondilha maior ocasionalmente entremeada de versos mais curtos, de andamento quase sempre anapéstico, duas sílabas não-acentuadas seguidas de uma acentuada, num ritmo martelado de marcha ou galope. Acresce notar a pertinência ou isomorfia de essa reversão à infância se exprimir por via da estilização de uma brincadeira tradicional, mais adiante enriquecida com de outras toadas folclóricas, inclusive cantos de trabalho, como os da manocadora de fumo e do canoeiro:

*– Vitalina!*
*manoca o fumo, menina,*
*você hoje vadiou.*
*(...)*
*Rema*
*rema*

*remador,*
*caranguejo peixe é,*
*remar contra sua morte*
*é remar contra a maré.*

Só se tiver presente que, no curso na anamnese, a elocutora do poema vai focalizando sobretudo personagens da sua infância e da adolescência ligadas ao mundo popular, trabalhadores rurais da fazenda Campo Limpo, empregados domésticos e operários de Salvador, percebe-se não ser gratuito ou meramente ornamental o recurso a material folclórico como parâmetro da invenção poética. Trata-se, ao contrário, de um lance típico de estabelecimento de nexos de necessidade entre significante e significado, por meio dos quais o poeta luta contra a arbitrariedade do signo linguístico.

Durante o processo de evocação dos figurantes proletários do seu passado – processo que se assinala na frequência de vocativos cujo tom afetivo, não ideológico e/ou retórico, impede capitulá-los entre os "vícios técnicos da demagogia" verberados por Mário de Andrade – se vai progressivamente afirmando a consciência social da evocadora. A cada evocação avulta um destino marcado pelo ferrete da desigualdade, donde a significatividade da repetição do verso *Nós somos gente marcada*. Marcada é Dade, a ama-de-leite de Campo Limpo, que trabalhou a vida inteira na roça e na casa dos patrões, criou-lhes *cinco filhos brancos*, além dos dez que ela própria deu ao mundo, e mesmo assim *morreu sozinha*. Marcado é Augusto Braço Cotó, que entrega doces no Triunfo, tanto quanto Bernadete, *preta que nem tição* e *pobre sem um tostão*, ou José, *que desde menino/ trabalhas nas Sete Portas*, ou Manuel da Maria, *compadre estivador*. A marca da desigualdade pode ser tríplice:

*– Pelo sinal da pobreza!*
*– Pelo sinal de mulher!*
*– Pelo sinal*
*da nossa cor!*

Ao ferrete da pobreza, ainda que remediada, não escapará a própria elocutora. Quando a família se transfere para Salvador, e as meninas são postas a estudar na Escola Normal porque é *mais seguro / professora é meio de vida, / ninguém sabe do futuro*, a mãe passa o dia fazendo doces para fora, conquanto, em nome da respeitabilidade pequeno-burguesa, seja preciso esconder o comércio vexatório:

*Minha mãe, minha mãezinha,*
*todo dia na cozinha,*

*faz doce para vender:*
*– Augusto Braço de Cotó,*
*vá entregar no Triunfo*
*e cobre!*
*Não diga nada a ninguém,*
*meu bem.*
*Sou pobre!*

O ferrete da condição feminina, de que já encontramos vislumbres críticos na "Canção simples" e na "Canção das mães", é alusivamente referido nesta passagem onde o cediço símile da "canção do exílio" serve para ironizar a liberdade vigiada da mulher dentro dos limites do estereótipo em que a encarcera o desejo masculino:





*Menina, minha menina,*
*carocinho de araçá,*
*cante*
*estude*
*reze*
*case*
*faça esporte e até discurso*
*faça tudo o que quiser*
*menina!*
*não esqueça que é mulher.*
*Minha terra tem gaiola*
*onde canta o sabiá.*

Mesmo na série "Três canções de amor", de notável limpidez e despojamento de expressão, o abandono amoroso não exclui uma consciência crítica diferenciadamente feminina. A primeira canção, que desenvolve uma parlenda infantil, *Eu fui por um caminho / Eu também. / Encontrei um passarinho. /Eu também*, aponta no amor menos a segurança matrimonial do ninho que os riscos de uma aventura a dois, um *vai-e-vem* sujeito, *como tudo*, a mudanças e rupturas: *Podes virar um passarinho. / Eu também.* Na segunda canção, motivos de contos de fadas configuram o amor como gruta sombria em cujo recesso se embosca a vontade proprietária do homem:

*Nunca se fie no seu sono,*
*sono de El-rei, meu senhor.*
*Não queiras nunca ser dono,*

*negro!*
*Ah! negro, do meu amor.*

Em "Chiquinha", o tema da sujeição feminina se historiciza num desfile de séculos e o corpo-mercadoria da mulher vai assumindo seus diferentes avatares: escrava do Egito, prostituta da Mesopotâmia, pária da Índia, odalisca da Arábia, matrona-serva de Roma, *mistério e tabu* do Medievo, ventre paridor de escravos na aurora dos tempos modernos, operária da era da máquina – a mesma máquina que, ao pôr abaixo as *fronteiras / do lar, doce lar/ – prisão milenar*, traz afinal ao *corpo, / cansado, / explorado* dessa obstinada metamórfica Chiquinha uma esperança de libertação.

É bem de ver que o sentimento libertário difuso por toda a *Canção da Partida* ecoa menos as teses de uma ideologia ou as palavras de ordem de um partido que a voz de uma sensibilidade a fazer-se consciência no próprio ato de se enunciar por via da indissolúvel unidade de vivência e expressão característica do lirismo. O timbre inconfundivelmente feminino dessa voz, ao mesmo tempo que lhe garante a autenticidade, a singulariza no quadro da nossa poesia participante ou engajada. E dentro da mesma ordem de ideias, impõe-se ainda lembrar a componente maternal dessa feminilidade, que já apontava nos *Momentos de Poesia*. Ela vai avultar na *Canção da Partida*, quando mais não fosse pela ênfase ali dada ao mundo da criança, mundo do qual, por força da tarefa a ela confiada pela maternidade, de ter de acompanhar passo a passo os primeiros anos de vida dos filhos, a mulher está muito mais próxima do que o homem. A ternura de que a infância é o objeto na *Canção da Partida* não fica restrita à esfera do individual. Tanto quanto a feminilidade de que provém, reveste-se de implicações sociais, mesmo nos momentos em que menos seriam de esperar, como na "Cantiga de ninar", onde a refrões e motivos de nanas brasileiras tradicionais vem-se juntar um novo ingrediente utópico-político:





*Senhora Onda do Mar*
*vestida de verde com franjas de luar.*
*ninai meu filhinho fechai seu olhinho*
*seu soninho velai*
*que mamãe precisa fazer com papai*
*Senhora Onda do Mar,*
*um planeta novo para neném morar.*

Esta conexão do infantil com o social, apenas insinuada no cantábile de "Cantiga de ninar", vai-se explicitar no discursivo de "Mensagem às crianças do mundo", onde a mudança de tom, do sugestivo para o exortativo, se faz sentir

desde a troca do redondilho por um verso de medida mais longa, de até 16 sílabas. Ademais, na designação "mensagem" está implícita certa solenidade retórica, consentânea com a amplitude de visada do poema, o qual abandona a área do familiar, do local, do vivido – de onde procede o melhor da poesia de Jacinta Passos –, para tentar abarcar o universal, numa como que recaída nos esquemas generalizantes de *Momentos de poesia*. Entretanto, ao dirigir-se às crianças sofredoras das várias partes do mundo – asiáticas, em especial chinesas; europeias, dos países então ocupados pelos exércitos nazistas; alemãs, *que aprendem somente a odiar*, judias, russas, oceânicas, africanas, americanas –, a poetisa lhes transmite uma mensagem que não se pode a rigor chamar de ideológica. Lembra-lhes que, para além da *hora terrível* da guerra, permanecem as *alegrias elementares pelas quais os homens lutam* e permanece a vida, do que é lícito esperar:

*(...) um tempo no tempo*
*em que a polícia, a moral, as leis e todas as coisas*
*acidentais*
*serão inúteis para a comunidade humana*
*como remédios para um organismo que recuperou a saúde*
*Chegará um tempo no tempo*
*em que a terra conquistada, os homens, todos os homens, como vós, minhas puras criancinhas*
*Receberão a vida, a vida simplesmente, como o dom*
*Supremo.*



A aceitação da vida como um valor absoluto, impossível de ser medido pela escala de uma teoria ética ou filosófica, qualquer que ela seja, parece ser aliás a tônica da *Canção da partida*, cuja epígrafe, *Que vontade de cantar: / a vida vale por si*, pode ser vista como uma definição do próprio lirismo que lhe anima as páginas. Entretanto, o fato de, na "Mensagem às crianças do mundo", o discursivo desembocar num fecho de ouro lírico, transideológico, não impede a ideologia de ali assomar a certa altura:

*Crianças da Rússia, a pátria misteriosa*
*cujo roteiro os donos do mundo ocultavam*
*como os antigos roteiros dos tesouros que os bandeirantes*
*ávidos, buscavam,*
*crianças da Rússia, a pátria misteriosa*
*que Stalingrado revelou ao mundo.*

A vinculação desta referência à fé política de sua autora é de ordem imediata, instrumental e, como tal, ideológica, o mesmo se podendo dizer da *Estrela do Oriente* do poema homônimo, a qual por trazer "uma foice na mão" se despe de sua aura de conotações para adquirir uma obviedade emblemática capitulável entre "os vícios técnicos da demagogia". E quando, no poema em questão, nos é dito que *só na voz da própria* Estrela / *podemos cantar*, eis o lírico posto a reboque do ideológico. Desse perigoso atrelamento se salvam outros poemas na linha de "Estrela do Oriente", como "Pânico no planeta Marte" e "Louvação do dinheiro", pela finura do tom de ironia e sátira com que a mensagem ideológica é ali veiculada, enquanto em "Metamorfose" o tema da mudança (e traição) de classe fica felizmente implícito na série de perguntas que balizam o poema, perguntas que, respondidas, o teriam convertido em mera peça de propaganda.

Se em "Sangue negro", em que não há ironia ou sátira, e tampouco obliquidade sugestiva, a louvação do operário mestiço dos poços de petróleo do Recôncavo como fator do progresso do Brasil não descai no lugar comum ideológico, isso se deve às ressonâncias de sua estrutura simbólica, cujas imagens de base aparecem nas duas estrofes que abrem e fecham o poema à guisa de refrão:





*Terras curvas do Recôncavo*
*onde adormece o oceano,*
*no teu subsolo circula*
*sangue negro cor da noite,*
*da cor do preto africano,*
*preto cujo sangue escravo*
*regou o solo baiano.*
*Terras curvas do Recôncavo*
*onde adormece o oceano,*
*de tuas veias abertas*
*escorre*
*o petróleo baiano,*
*sangue negro do Brasil.*

A ordem que aqui prepondera, governando a semântica do poema, é a do telúrico, do subterrâneo, do oculto, a ordem primordial da Terra-Mater nas curvas de cujo seio acolhedor o oceano – vínculo geográfico entre África e Bahia, reiterado pela simetria fônica da rima unindo "oceano" a "africano" e "baiano" – vem adormecer num apequenamento metafórico ao gosto da ternura maternal, tão afeita aos diminutivos. A referência a "subsolo", no terceiro verso, articulada a "Recôncavo", no primeiro, traz logo à lembrança articulação semelhante que já encontráramos em "Carnaval", uma das peças finais de *Momentos de poesia*,

transferida para a *Canção da Partida*. Ali, era do subsolo de Salvador que irrompia uma *nova realidade sem nome* a dançar na rua o efêmero mito carnavalesco da mistura e/ou indistinção de classes. Agora, é nas veias do operário mestiço dos poços de petróleo do Recôncavo que o sangue branco dos senhores e o sangue negro dos escravos confluem, não para reconciliar-se, mas para denunciar o embuste da supremacia racial: o que surde das entranhas do Poço é "sangue negro", o petróleo de que se nutrem as máquinas para levar "mensagens de aproximação" do metalúrgico de Volta Redonda ao gaúcho dos pagos, o seringueiro da Amazônia, o vaqueiro do Nordeste e o proletariado das grandes cidades brasileiras. A ordem tectônica do subsolo vai-se completar, mais adiante no poema, com o mineralógico "ventre da terra" de onde são extraídos o ferro e os metais: com as "forças primordiais" adormecidas no vale amazônico, simétricas das "forças latentes" do interior do Poço; com o chão nordestino de onde o homem tira "a chuva que o céu não dá". E à mesma topologia do subterrâneo e do oculto implícita na simbólica da Terra-Mater se vincula ainda o sangue, espécie vital e sacrificial que dá nome ao poema. Neste, ela assume cor negra para poder identificar-se metaforicamente ao petróleo do Recôncavo, metaforização por meio da qual o escravo-Cristo, com redimir da terra a sua paixão – no sentido evangélico do martírio –, com o sangue-petróleo de suas "veias abertas", passa a emblematizá-la e a fazer da Bahia *locus* de redenção, célula-mater da fraternidade proletária.[12]





Vem a propósito lembrar, nesta altura, que ao motivo do Filho vítima e redentor, a um só tempo, está ligada de perto, no simbolismo cristão, a figura da Mater Dolorosa, com o que se explicita a sua ligação profunda à ordem do telúrico. É apropositado sublinhar, outrossim, que o recurso à mítica religiosa não se confina a "Sangue negro", mas é encontrável em outros textos da *Canção da Partida*. Já vimos, no seu poema-título, o gesto litúrgico do pelo-sinal revestir-se de implicações sociais ao ser traçado em nome da pobreza, da mulher e da cor, cor cujo ferrete seria exorcizado em "Sangue negro"; mais para o fim da mesma *Canção da partida*, a travessia do Mar Vermelho por Moisés figura o trânsito do passado para o futuro, o rumo da utopia. Em outra chave, a irônico-satírica, "Louvação do dinheiro" parodia, com a enfiada de epítetos (*Chave do mundo / porta do céu, / poder divino, / submarino, / louvado seja / o vosso nome*), as ladainhas do culto mariano. "Estrela do Oriente" retoma o motivo da estrela que guiou magos e pastores a Belém para colocar, como vimos, a causa dos *párias de todo o mundo* sob o signo partidário da Foice. E em "Navio de imigrantes', as alusões são, como seria de esperar, ao dilúvio, à arca da aliança, e à terra prometida.

---

[12] Também na poesia de Sosígenes Costa, com a qual a de Jacinta Passos tem mais de um ponto de afinidade, a Bahia é vista como *bendito fruto da África* e como *locus* de fraternidade e paz. Cf. meu ensaio *Pavão Parlenda Paraíso* – uma tentativa de descrição crítica da poesia de Sosígenes Costa. S. Paulo: Cultrix-CGL, PACCE, 1977, p. 51-56. (Nota do texto original).

Se bem se possa traçar um nexo mediato de coerência entre estas alusões bíblicas e o profetismo salvacionista apontado por mais de um crítico como ponto de fuga do sistema de Marx, há um nexo imediato delas com *Momentos de poesia*. Ao analisar este último livro tive ocasião de observar haver sido através das suas inquietações místicas que a poetisa chegara a uma consciência social, donde não estranhar transluza, por sob a dimensão abertamente política da *Canção da partida*, uma dimensão religiosa fantasmática ou residual. Tal caráter fantasmático calha bem, de resto, à obliquidade, à finura alusiva que faz da *Canção da partida* a melhor das três coletâneas de verso de Jacinta Passos. A anamnese lírica e localista em que se funda o tocante sentimento de mundo desse livro intermédio dá-lhe um poder de convencimento muito maior, sem dúvida, do que as abstrações religiosas do livro anterior ou o sectarismo político do livro seguinte.

## III

No título eluardiano[13] daquela que seria a sua derradeira coletânea, *Poemas Políticos*, Jacinta Passos deixava bem patentes as suas preocupações à época. Em 1946 havia-se ela candidatado a deputada estadual pelo PCB da Bahia, sem conseguir todavia eleger-se. No ano seguinte, depois de sete meses de repouso obrigatório, conseguiu ela dar à luz a sua única filha, Janaína. De 1947 a 1950, viveu no sul da Bahia, numa fazenda de propriedade do sogro, então administrada pelo marido, onde escreveu os *Poemas políticos*. Estes foram editados no Rio em 1951, logo que para ali se havia transferido. Por essa época, era das mais intensas a sua atividade política, na qual parecia pôr o mesmo ardor religioso que a animava nos dias de juventude. Além de haver participado de três congressos de escritores, militava em organizações empenhadas na defesa dos direitos da mulher, da paz e da legalização do PCB, e colaborava na imprensa de esquerda (*Voz Operária*; *Imprensa Popular*, *Hoje*, *Paratodos* etc.). A primeira crise da sua doença mental manifestou-se em fins de 1951 e daí por diante ela passou por sucessivos períodos de internamento hospitalar; nos intervalos, continuava a desenvolver atividades políticas, sobretudo com mulheres e crianças da periferia de Salvador. Quando do golpe militar de 1964, sua família, por precaução, resolveu queimar os originais dos poemas e peças de teatro adulto e infantil por ela escritos, com o que se perdeu definitivamente toda a sua produção posterior aos *Poemas Políticos***.** Isso não obstou a que Jacinta fosse então presa; ulteriormente, por diligência de familiares, foi transferida para um hospital psiquiátrico. Seus últimos anos, já num estágio avançado da doença, ela os passou num sanatório de Aracaju, onde viria a morrer em 28 de fevereiro de 1973.





[13] O volume *Poemes politiques* de Paul Eluard havia sido publicado em 1948. (Nota do texto original).

Os 5 textos reunidos na primeira parte do volume de 1951, ou seja, os "Poemas Políticos" propriamente ditos – a segunda parte se compõe de 5 "Canções líricas" e a terceira de 9 poemas da *Canção da partida* –, trazem a marca desses anos de militância partidária. Estava-se no começo da Guerra Fria e no crepúsculo do stalinismo; a cassação do registro do PCB em 1947 levara a uma natural radicalização de posições, acoroçoada, no plano intelectual, pelo pronunciamento de Zhdanov contra o cosmopolitismo em arte (1946). A tal cosmopolitismo, expressão da "decadência da arte burguesa", eram contrapostas as "virtudes exaltantes da literatura otimista" cuja inspiração eram os "valores essenciais (que tinham) a sua fonte na luta das massas", a luta da "classe operária sob a direção do Partido Comunista". As frases entre aspas foram tiradas de um livro de Laurente Casanova, *Le parti comuniste, les intelectuels et la nation*,[14] um dos muitos testemunhos da repercussão na França e nos demais países do mundo capitalista, das palavras de ordem do credo zhdanovista.

No caso específico do *Poemas políticos*, a fidelidade a esse credo acarretava um estreitamento de foco: o sentimento de mundo da poetisa se diminuía em sentimento partido. É o que dão a perceber os dois textos mais longos e mais representativos do volume, a saber, "O rio" e "Elegia das quatro mortas". No primeiro, o *Partido, esperança nossa*, aparece como um *rio de águas inúmeras* cujo curso histórico as 9 secções do poema se ocupam em celebrar. Do nascimento dele, em 1922, tratam as duas primeiras secções, em que imagens maternais – o Partido, *criatura de desejo e sonho*, é uma *criança concebida / na injustiça* – e personagens de contos de fadas – a burguesia traveste-se de *velha / bruxa criminosa avara* para morrer pelas mãos do Partido – convivem canhestramente com alusões a Marx, que viu a História com *olhos novo. / E exatos*, e a heróis cívicos como Zumbi dos Palmares e Tiradentes. A dicção não consegue mais fugir dos "vícios técnicos da demagogia", entre os quais avulta o abuso de antíteses do tipo de *leito de pedras e pranto* ou *carne do luar na boca das profecias*. Essas fórmulas retóricas recorrem no *novembro / de esperança e precipício, novembro de sangue e heróis* com que é metaforizado, na quarta secção do poema, o malogrado levante de 1935, e se ampliam na *Palavra inédita / de gume e fogo e rumo e onda* dos *comícios de pétalas e palmas* com que é figurada a conquista pelo partido, em 1945, de legalidade e representação parlamentar. Ambas logo cassadas pela mesma Câmara que, na sexta parte de "O rio", quando o verso livre é substituído pelo redondilho de rimas ocasionais, assume a elocução na primeira pessoa. O tom passa então de solene a irônico, como em "Pânico no planeta Marte", da *Canção da partida*, embora menos convincente do que ali, talvez por culpa do traço excessivamente carregado, de que é exemplo a alusão ao marechal Dutra no sexto e sétimo verso desta estrofe:



[14] Paris, Editions Sociales, 1949, p. 41 e 46. (Nota do texto original).

*Agora meus instrumentos*
*de uso revelarei.*
*Meu olho policial,*
*togas sujas, meus partidos,*
*os inventores da lei*
*e cabeça sifilítica*
*do meu curto presidente.*
*ora aqui lembrarei*
*com licença, nosso dólar.*
*Prazer de servir o rei.*

O caricatural cede lugar ao patético na "Elegia das quatro mortas". A primeira das mortas é Olga Benário Prestes, cujo martírio, num campo de concentração da Alemanha, se inspira justa indignação à poetisa, não lhe consegue inspirar qualificativo menos convencional que o de *crime de feras contra flor tão pura*. Militantes políticas como Olga são também Zélia e Angelina, ambas mortas a tiros pela polícia, uma em 1948, no Rio de Janeiro, em meio a uma manifestação de protesto, a outra dois anos depois, no Rio Grande do Sul, durante uma passeata de 1º de maio. Aqui tampouco alcança a poetisa ultrapassar os "vícios técnicos da demagogia" quando promete a Zélia que o seu sonho *de fartura e paz* será um dia realizado *Pelas mãos dos pobres que têm fome e sede de justiça na terra*, ou quando nos descreve, *Levantando a bandeira (...) / Era o dia da classe operária. / Na frente. / Protetora da pátria, Angelina*. Já a comoção suscitada pela morte de Dade, malgrado a moral da fábula dela extraída (*foi de morte matada que morreste* (...) *o latifúndio acabou contigo* e de certas imperícias, como o hipérbato do verso final, *é de esperança flor recuperada,* alcança transmitir-se ao leitor. Sendo Dade uma das personagens da infância da poetisa evocadas na "Canção da Partida", talvez não seja de todo despropositado supor fosse tal vínculo de ordem pessoal, favorável ao trânsito do impulso lírico, o responsável por a seção dedicada à morte de Dade ter maior poder de convencimento que as outras da "Elegia das quatro mortas". A ilação valeria também para as "Canções líricas" da segunda parte dos *Poemas Políticos*, as quais, pela dicção cristalina, pelo feliz aproveitamento de refrãos de cantigas de roda, pela discrição da nota de engajamento político que nelas ocasionalmente reponta, são comparáveis a peças homólogas da *Canção da Partida***.**

Visto deste prisma, o último livro de Jacinta Passos[15] se constitui numa dramática ilustração de como podem ser nocivos os efeitos do sectarismo político no terreno das artes. Com exigir da poesia uma ação prática imediata, natureza por



[15] Jacinta Passos publicou ainda *A Coluna*. Rio de Janeiro: A. Coelho Branco Fº Editor, 1957. 47 p.

assim dizer de apostólica, e com impor ao poeta diretivas e restrições de todo exteriores à sua oficina de criação, o sectarismo atua de maneira quase sempre desvirtuadora. No caso de Jacinta Passos, um indício desse desvirtuamento é a abrupta separação, em grupos estanques, dos "Poemas políticos" e das "Canções líricas", como se a ideologia tornasse a erguer, entre individual e coletivo, aquela mesma barreira que o impulso lírico da *Canção da partida* deitara por terra, convertendo, sem contradição nem conflito, o sentimento de si em sentimento do mundo. Ao acumpliciar-se com a restauração dessa barreira por amor ao partido, Jacinta Passos pagou o alto preço que a ortodoxia costuma exigir de quantos se dispunham a servi-la. Mas, em defesa da autora dos *Poemas políticos*, acentue-se que nem a ortodoxia conseguiu secar a fonte do seu lirismo. Esta, mesmo reprimida, continuou a fluir e a cantar, quando mais não fosse por saber, desde sempre, que *a vida vale por si.*



# A lírica da crítica social[1]

*Júlio César Lobo*[2]

A Fundação das Artes e a Empresa Gráfica da Bahia lançaram no último dia 11, a reedição de *Canção da Par-tida,* livro de poemas da baiana Jacinta Passos (1914-1973), publicado pela primeira vez em 1945, com textos líricos e de crítica social numa dicção modernista, mas bem distante do estilo neoclássico da maioria da poesia que se fazia naquela época, cristalizada na heterogênea e, em geral, de baixa qualidade, geração de 45. Este volume foi organizado pelo poeta, ensaísta, tradutor e crítico José Paulo Paes, responsável também pela revalorização de outro poeta baiano, o falecido Sosígenes Costa.

Em seus melhores momentos, a poesia de JP lembra, pelo estilo, o tex-to coloquial de um Manuel Bandeira:

*Eu só tenho a vida minha.*
*Eu sou pobre, pobrezinha,*
*tão pobre como nasci,*
*não tenho nada no mundo,*
*tudo que tive, perdi,*
*que vontade de cantar: ...*

A influência do folclore retrabalhado de um Ascenso Ferreira:

*Benedito tem cem anos:*
*negro duro!*
*Cem anos de escravidão.*
*.....*
*Passa*
*passa*



[1] Publicado no jornal *A Tarde*, Salvador, 29 de dezembro de 1990, Suplemento "A Tarde Cultural", p. 11.

[2] Júlio Cesar Lobo é doutor em Ciências da Comunicação pela USP, professor da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e da Universidade Estadual da Bahia (UNEB). Tem formação também em Letras, atuando ainda como jornalista. É coautor do livro *Gláuber, A Conquista de um Sonho*: Os Anos Verdes. B. Horizonte: Ed. Dimensão, 1995, e autor de diversos capítulos de livro e de artigos publicados em periódicos acadêmicos.

*passará*
*derradeiro ficará.*

E a postura participativa do Drummond de *Rosa do Povo,* também lançado em 1945:

*Não queremos morrer!*
*Vamos criar outro Hitler!*
*Vamos virar curinga,*
*cafuringa*
*Salazar!*
*Mistura o preto com o branco,*
*Franco!*

Se o livro *Canção da Partida,* no seu lançamento há quase meio século, representou a enunciação de uma voz clara e distinta no discurso de participação social – em meio ao fim da Segunda Guerra Mundial e do início dos embates ideológicos da Guerra Fria – e na recuperação do folclore, no entanto, por outro lado, muito pouco prenunciou do que seria a dicção poética feminina no Brasil nos anos seguintes, por exemplo. Se, no âmbito de um partido, a expressão "companheiro" irmana a todos, indistintamente do sexo no engajamento de uma luta, no campo do simbólico, o partido sexual é importante, fundamental, homens e mulheres são educados – infelizmente – de maneiras muito distintas, e isto se reflete na prática, muito mais na prática simbólica de alto grau que é a poesia.

A reedição de *Canção da Partida,* se pode ter resgatado mais uma escritora baiana do esquecimento – apesar de não se tratar evidentemente de uma grande poeta –, mostra também que o discurso político de seus versos acabou ficando defasado, solto num tempo, como o nosso, que vive sob os reflexos da queda do Muro de Berlim, da falência do marxismo na Europa e da discussão acirrada do engajamento.

# Uma poeta esquecida[1]

*Célio Nunes*[2]

O caso não é raro. Ao contrário: existem seres especiais, ligados às artes, à literatura ou a outra área qualquer, que passam pela vida marcando sua presença singular e, depois que morrem, são esquecidos. As causas? São várias, desde a despreocupação do próprio ente, que, embora criador, se despreocupou e não teve pessoas que se preocupassem com isso, de se inserir em contextos sociais e culturais que lhe valeriam futuros registros. Mas, por vezes, nem isso vale porque, mesmo os que conviveram com ele ou ela, esqueceram-se e não tiveram a atenção de perpetuar a memória desses seres. E existem realidades menos cruéis, digamos, justiceiras e compreensíveis: figurantes que pensavam ser protagonistas, que, em vida, produziram falácias, obtiveram generosas divulgação e exaltação da mídia e de grupos, mas depois não permaneceram porque suas produções não tinham mesmo valor cultural e estético. Nada a fazer quanto a esses...



Mas tudo a fazer quanto aos que deixaram um legado de criações de qualidade, quer seja na literatura ou em qualquer área. Felizmente existem os que assumem a garimpagem do passado dessas vidas e de suas obras e, submergindo nos escondidos dos arquivos e bibliotecas, dos depoimentos e lembranças, emergem com preciosidades que servem para resgatar muita coisa valiosa. É isso o que estão fazendo agora em torno da figura de Jacinta Passos, poeta e militante comunista, nascida em Cruz das Almas, Bahia. Ao que sei, a partir de 90, começaram algumas iniciativas visando registrar sua vida e a sua poesia; uma delas, a publicação, em Salvador, em 2000, de uma monografia da professora Dalila Machado. Informa-se que sua filha, residente em Maceió, professora Janaína Passos Amado, e o pesquisador Gilfrancisco, residente em Aracaju, estão trabalhando na publicação de tudo o que se pôde arrecadar sobre essa poeta esquecida.

---

[1] Publicado no jornal *Cinform*. Aracaju, 27 dez 2004 a 2 jan. 2005, ano XXII, n. 1133, p.2. Republicado em Gilfrancisco, op. cit., p. 50-51.

[2] O sergipano Célio Nunes (1938-2009) foi intelectual de esquerda, militante do PCB, fundador e, durante vários mandatos, dirigente de associações de jornalistas em Sergipe. Jornalista atuante, foi também escritor e estudioso de literatura. Entre outros títulos, publicou *Réquiem para José Eleutério,* 2000; *Trajetória para a Ilha dos Encantados,* 1992; *Prosa sergipana* (coord.), 1992 e *Diário de W. J. e outras histórias* (2005).

Jacinta Passos viveu para inquietar aos demais e, ela própria, se inquietar. Nasceu em 1914, numa família de fazendeiros no interior da Bahia; estudou em colégio católico, foi professora e, já no início da década de 40, estava ligada ao movimento esquerdista, começando a colaborar na imprensa e a publicar livros, casando-se com o jornalista e escritor James Amado (irmão de Jorge Amado).

Nos seus poemas, Jacinta se esforça para que a sua poesia não fique nos limites do estilo panfletário tão adotado por muitos literatos, mas, centrando a sua poesia no social e no amor, ela consegue elaborar uma escrita poética particular, a começar do seu livro *Canção da partida*. O crítico Sérgio Milliet aponta na poesia de Jacinta uma sensibilidade sem pieguice, às vezes em tom grave, e uma ternura clara e penetrante. Jacinta buscou ritmos populares tirando efeitos melódicos, mas não se desligando da realidade, mesmo em poemas simples, a exemplo de *menina, minha menina, carocinho de araçá...*, e vai conversando com uma menina, finalizando com um *minha terra tem gaiola / onde canta o sabiá,* numa flagrante desmontagem dos sabiás livres de Gonçalves Dias. Signo: pássaro e homem aprisionados no mundo desumano. A esse tempo, a poeta, como acentua Milliet, se encanta com as palavras, com os sons onomatopaicos.



Participou de grupos de intelectuais, morando em diversas partes do país, sendo reconhecida por autores como Roger Bastide, Aníbal Machado, Mário de Andrade, Antônio Cândido e Hélio Pólvora. Sombras e luminosidades envolvem a sua personalidade (não enferma, como a consideraram) complexa, ansiosa e criadora. Publicou livros e colaborou com a imprensa e, já separada de James, veio parar (a partir de 62) na Barra dos Coqueiros e Aracaju. Aqui viveu dias de tormento e de incompreensões e perseguições radicais. Presa em 64, foi internada no Adauto Botelho, removida depois para a Clínica Santa Maria. Internada como "louca" durante 9 anos, para o sossego dos que não toleram comportamentos diferentes e contestadores. Depois de muitos eletrochoques, veio a falecer em 1973.

Sempre inquieta, Jacinta viveu em Sergipe o período de vida mais obscuro da sua biografia. Esperemos o resgate dessa biografia, junto com o da sua obra.

# Jacinta Passos: trajetória humana e estética. Breves comentários[1]

*Ângelo Barroso Costa Soares*[2]

A professora Lizir Arcanjo é a pioneira na Bahia no resgate de escritoras do século XIX. Segundo o escritor e jornalista Afonso Costa, em *Poetas de outro sexo,* a primeira baiana escritora a ser registrada pela história oficial foi Ildefonsa Laura. A literatura de autoria feminina na Bahia não é uma exclusividade do século XX, como muitos pensavam, pois um poema encontrado na Fundação Biblioteca Nacional aponta para a existência de escritoras ou pelo menos para o desejo das mulheres de se inserirem como tal numa área que sempre foi destinada aos homens. O poema encontrado, sem assinatura da autora, traz ao final, no lugar do nome, apenas "huma Bahiana" e trata dos desdobramentos da Independência da Bahia.





Desde o século XIX, as mulheres vêm ocupando e ganhando espaço, bem como público leitor, mesmo que muitas sejam expulsas deste espaço. Algumas foram banidas para sanatórios, como é o caso da poeta Jacinta Passos, que retomaremos adiante; outras, por questões ideológicas, sociais e políticas, conseguem alçar voos. O certo é que a literatura de autoria feminina, apesar dos espaços alcançados, continua sendo rotulada, desqualificada e marginalizada por não corresponder aos parâmetros do cânone estabelecido.

Boa parte das escritoras baianas já foram resgatadas por projeto de pesquisa encabeçado pela Professora Ívia Alves no Instituto de Letras e NEIM (Núcleo de Estudos Interdisciplinar da Mulher), ambos da Universidade Federal da Bahia, que começou em 1994 com o resgate de Amélia Rodrigues e, a partir de 1996 a 2002, resgataram-se as mulheres escritoras da segunda metade do século XIX até 1950. No ensaio "Pioneiras das letras da Bahia", do jornalista Jean Wyllys, ele afirma que a intenção do grupo de pesquisadores da UFBA não é discutir se os textos das escritoras devem ou não entrar no cânone brasileiro, e sim utilizar-se

---

[1] Publicado em Gilfrancisco. *Jacinta Passos: a busca da poesia.* Aracaju: Edições GFS, 2007, p.42-48.

[2] O baiano Ângelo Barroso Costa Soares nasceu em 1968 e faleceu em 2006, aos 38 anos de idade, vítima de infarto. Foi professor da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Mestre em literatura, doutorava-se em literatura comparada pela Universidade Federal Fluminense. Publicou textos em jornais e revistas.

das teorias feministas e de alguns instrumentos da análise do discurso. Interessa contextualizar, observar na construção de outro discurso, o diálogo com o discurso literário masculino que foi considerado oficial e legitimador.

Muitas escritoras se tornaram "invisíveis" mesmo tendo leitores; existe, portanto, um traço de misoginia. A literatura escrita por mulheres até bem pouco tempo era policiada pela sociedade patriarcal. Exemplo disso é a poética de Jacinta Passos, que além de policiada pelo regime político foi também policiada pela sociedade machista. Daí a necessidade de resgate dessa escritora, das mais combativas do século XX, que não se calou apesar de ser encerrada num manicômio.

O período que vai de 1930 a 1945 talvez tenha sido palco das maiores transformações ocorridas no século XX. A década de 30 começa com a quebra da bolsa de Nova Iorque, seguida do colapso financeiro. Assim, cada país procura solucionar internamente a crise, mediante a intervenção do Estado na organização econômica. Ao mesmo tempo, a depressão leva ao agravamento das questões sociais e ao avanço dos partidos socialistas e comunistas, provocando choques ideológicos, principalmente com as burguesias nacionais, que passam a defender um Estado autoritário, pautado por um nacionalismo conservador, adotando uma postura anticomunista e antiparlamentar.



Nesse panorama conturbado a literatura vai deixar de ser apenas lúdica para ganhar uma função social, combativa. É natural que o socialismo seja sua tônica, pois, muito mais do que mostrar a miséria dos pobres em contraste com a opulência dos ricos, era preciso revelar as contradições de uma organização social em crise. A literatura desse período adquire profunda significação humana e universal na medida em que representa uma nova tomada de consciência da realidade contemporânea.

Num momento em que a poesia brasileira passa pela crise de se fazer ainda uma poesia neoclássica, surge na década de 40 a poeta Jacinta Passos, e para tanto é necessário mais uma vez evocar a antológica frase do poeta Maiakovski: "Não há arte revolucionária sem forma revolucionária". Sua produção poética se inicia ainda na década de 40; inspira-se na poética da modernidade pelo cuidado e rigor com que trabalha um lirismo de alta voltagem. A chamada poética da modernidade tem em Baudelaire e Mallarmé seus maiores representantes; os dois vão assinalar a consciência de que fazer poesia é romper com a linguagem esclerosada de uma poesia de salão, feita apenas para deleite. A arte literária vai à busca da originalidade, uma vez que é preciso fazer uma ruptura com a tradição. Fazer diferente, "fazer o novo", diria Ezra Pound. Para Baudelaire, "a modernidade é o transitório, o fugitivo, o contingente, a metade da arte da qual a outra metade é o eterno e o imutável".

A poética de Jacinta Passos deixa marcas dessa inovação na linguagem, expõe a transitoriedade da vida, de que fala Baudelaire, sem abdicar do lirismo e

do humor como modo de enfrentar o fugitivo e o contingente. Sua criação poética não faz concessão aos modismos de época, mantém-se obstinada para falar de solidão, angústia, dos sentimentos da nossa condição humana. Como diria Foucault: "O saber não é feito para compreender, ele é feito para cortar". (Foucault, NGH, p. 28), e certamente a poesia de Jacinta Passos reflete esse cortar de palavras, que como lâminas afiadas, serviu para cortar os pulsos da burguesia conservadora, mas serviu também para cortar uma vida num manicômio.

Embora a produção poética de um autor seja o único dado capaz de nos fornecer os elementos para a compreensão de uma visão de mundo, na maioria das vezes se faz necessário buscar o momento histórico, político, social para maior compreensão do fenômeno literário.

Jacinta Passos, filha de família abastada, da aristocracia rural do Recôncavo Baiano, como toda jovem, evolui de uma forte ligação com o clero baiano, para uma ativista comunista, filiada ao PCB; torna-se escritora e deixa-se confinar num sanatório para doentes mentais (MACHADO, p. 15). Após um período de estudo em São Félix, Jacinta passa a morar em Salvador com toda a família, onde vai estudar na Escola Normal, formando-se em 1932, sendo aluna destaque.





De forte formação intelectual de bases humanísticas, Jacinta, apesar de pai político ligado à UDN, que tinha como líder o fascista Plínio Salgado, sempre se mostrou transgressora e inquietante, pois não buscou a comodidade de manter-se apática ao momento político, sempre demonstrando interesse em lutar e defender as causas que julgava justas, haja vista o episódio em que se negou a cumprimentar o educador Isaías Alves, bem como quando deu aulas noturnas para empregadas domésticas na Escola Paroquial de Nazaré.

Assim, a tendência para uma literatura de cunho político já havia se consolidado no Brasil no chamado romance de 30, por meio de Jorge Amado, Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Rachel de Queiroz; no entanto, Jacinta inaugura uma poesia totalmente voltada para a militância do Partido Comunista Brasileiro. Ela não vai só mostrar as desigualdades sociais, mas reivindica mudanças, pregando a revolução do proletariado, como já havia acontecido na antiga União Soviética, com a Revolução de 1917.

O fazer poético de Jacinta Passos desde logo obteve um bom respaldo da crítica especializada. Assim manifestou-se Carlos Chiacchio (1884-1946), titular do coluna "Homens & Obras", do jornal A Tarde, na coluna publicada em 6 de outubro de 1937:

"Poesia, é o título arbitrário que adotei para revelar o nome de Jassy Passos. Os versos, ademais, não me foram mandados para nenhuma revelação. Eu é que reputaria um crime se não dissesse deles a surpresa agradabilíssima que me causariam. Por quê? Há entre nós uma inteligência harmoniosa de artista do verso, como Jassy Passos, e deve-se trazê-la à admiração justa do público que ainda

tenha em apreço espiritual as espontaneidades do talento. Não é possível o silêncio. Perdoem me os delicados melindres da jovem poetisa. Os versos é que não carecem de pedir perdão. Defendem-se com toda a força da sua indiscutível pureza. Vamos ler, sem mais comentários, o soneto Maria" (Apud Gilfrancisco. In: *A lírica da crítica social na poesia de Jacinta Passos*)

Em 1946, Jacinta Passos casa com o escritor James Amado em São Paulo. Nesse período, vivendo felizes em Monte Serrat, Jacinta escreve para o Jornal do Partido Comunista Brasileiro e prepara o livro *Poemas políticos*. Artigos e poemas que mostram uma intelectual combativa, consciente do seu tempo e da necessidade de mudança. Por tudo isso, aparece estampada no jornal O Momento uma foto da nossa escritora. Assim se manifesta Dalila Machado:

"Por tais atitudes corajosas, ela aparece numa foto na primeira página do "O Momento", no dia 17 de abril de 1946, fazendo parte do elenco de escritores e artistas que iriam receber no Rio o *carnet* do Partido Comunista Brasileiro, por haverem colocado a sua inteligência e sensibilidade a serviço das lutas da classe operária e do povo, militando nas fileiras do PCB". (Machado, p.23).



Em os *Poemas políticos,* 1951, vamos ter o resgate do maior símbolo de luta pela liberdade do Brasil, Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, que vai funcionar como uma espécie de fantasma que a todo o momento é invocado como herói maior da historiografia oficial; não se questiona o porquê de Tiradentes ser o único levado a forca, enquanto os outros, bacharéis em direito, foram poupados da morte, indo para o degredo ou exílio.

(...)
*Recebi os mensageiros*
*Mister do rei venerável.*
*Beijei-lhe a mão no Palácio*
*Tiradentes. Dei discursos*
*Castiços salamaleques*
*E banquetes até rosa*
*Eu lhe cedi, respeitosa.*
(...)
(Passos, 1951, p.21).

*Ninguém viu a face. Seus longos cabelos*
*De mártir, alumiando o mar.*
*Contam que ele desce das montanhas, noite*
*Alta e vigia.*
(Op.cit., p.31).
(...)

*Aqui é Brasil. A infâmia outra vez. Te lembras, Tiradentes?*
*O quinto do ouro, a família real, e o vinte-e-um de abril?*
*Eu sei do medo e da cobiça. O demônio nascendo*
*No turvo. O demônio da guerra*
*Nascendo no cérebro dos cavaleiros do lucro: – Não podemos parar. Não queremos morrer.*
*E a terra sob os pés estrangeiros. Aqui é Brasil:*
*Ódio puro ódio, florestas e cidades acesas,*
*punhos altos se multiplicando*
*Ah! Cavaleiros do lucro como sois pequenos.*
Sangue do asfalto de Esplanada aos campos de Tupã.
(...)
(Op. cit., p. 32).

Depois de alguns abortos, e após uma gravidez complicada que fez com que Jacinta Passos ficasse internada por seis meses na maternidade em Salvador, finalmente, em abril de 1947, nasce Janaína, o que parece a realização de Jacinta enquanto mulher, para quem ela escreve *Canção para Jana,* indo os três viver em Ilhéus. Em 1950, a família muda para o Rio de Janeiro, onde o marido passa a escrever na Imprensa Popular e a poeta lança o livro *Poemas políticos*. A publicação desse livro, bem como a militância revolucionária, levam Jacinta à prisão. A partir dessa prisão ela passa a apresentar distúrbios nervosos; data daí sua primeira internação em clínica psiquiátrica, segundo Dalila Machado, acompanhada do marido. Daí deriva a mania de perseguição.



A partir de 1953, Jacinta é transferida para um hospital psiquiátrico em São Paulo, onde fica internada sozinha, submetendo-se ao tratamento, hoje cruel e ultrapassado, de eletrochoque, choques insulínicos e barbitúricos, quando os médicos dão o diagnóstico de esquizofrenia paranoide. Escreve nesse período seu terceiro livro, *A Coluna*, publicado em 1957. Apesar do tratamento psiquiátrico a que foi submetida, Jacinta demonstra profunda lucidez ao resgatar a história da Coluna Prestes do ponto de vista do perdedor, uma vez que a história oficial é narrada sempre do ponto de vista do vencedor. Assim, Jacinta demonstra extrema lucidez ao rememorar um dos mais importantes movimentos de resistência da história do Brasil. Outra prova da lucidez de Jacinta está na dedicatória de próprio punho, no livro *Poemas Políticos,* para sua filha, a qual transcrevemos na íntegra:

*Para minha filha*
*Janaína*
*Lembrança de sua*

*Mamãe*
*Jacinta*
*Bahia, ano-bom de 56*

Portanto, não compreendemos por que Jacinta quis se isolar num hospital psiquiátrico. Quais motivos levaram Jacinta a buscar a solidão ao invés do seio da família? Seria a necessidade de ser só? Buscar seus próprios fantasmas? A esquizofrenia? O certo é que Jacinta jamais perdeu a altivez, nunca se fez de coitada; ao contrário, quando internada em Aracaju, ela fazia questão de dizer que estava trabalhando para pagar a estadia.

Após obter alta do Hospital psiquiátrico de São Paulo, retorna à Bahia, de onde segue para Petrolina, na divisa da Bahia com Pernambuco, permanecendo de 1958 a 1961, já separada do marido, que ficara com a filha. Em 1962, querendo ficar mais perto de Salvador, passa a residir na região metropolitana de Aracaju, mais precisamente em Barra dos Coqueiros.





Em Sergipe, Jacinta leva uma vida singela. Durante a noite escreve e durante o dia tenta vender seus escritos para complementar a quantia que a família remetia de Salvador. Vivia modestamente, isolada de tudo e de todos, fechada em si mesma. Passa a levar uma vida ainda mais pobre quando é despejada, indo viver num casebre tosco, sem cama, mas a beira da praia. Porém a pobreza absoluta nunca a fez parar de escrever; nunca deixou de responder com altivez àqueles que a importunavam.

Cabe destacar aqui o episódio descrito por Dalila Machado, quando Jacinta foi assistir ao filme "A balada do soldado" em Aracaju; ao terminar a exibição do filme, Jacinta, como boa intelectual e pessoa "antenada" com as questões do seu tempo, propôs um debate sobre o filme, o que não foi aceito por não estar bem vestida. Então ela conclama os estudantes de um respeitado colégio, O Ateneu, e os estudantes ficaram e debateram o filme. Mais um momento de lucidez de Jacinta Passos, que ao mesmo tempo que se isola da família, não perde de vista as questões de mobilização política.

Jacinta continuou a viver na contramão, transgredindo, fazendo manifestações. Discursava, muitas vezes não era entendida, sendo mais uma vez colocada à margem, mas ela sempre reagia às agressões, o que começa a incomodar os políticos do lugar. Interrogada várias vezes, Jacinta nunca baixou a cabeça; soube ser irônica, exaltada, demonstrando independência de ideias. Foi presa e recolhida ao sanatório público do Estado de Sergipe. Nesse ínterim a família é avisada, e Jacinta é transferida para uma clínica particular.

Em depoimento ao médico Dr. Hercílio Cruz, Jacinta demonstra profunda lucidez sobre sua vida e seu comportamento. Cabe aqui a transcrição da última parte da ficha médica:

"Em 1950 foi presa no Rio de Janeiro por causa da literatura política, livros de poesia que publicou – *Poemas políticos*; por essa prisão e pela perseguição política ficou "nervosa" e foi internada em estabelecimento cujo nome não se recorda, seguindo para o sanatório Charcot em São Paulo, onde se submeteu ao último tratamento em 1955, e, obtendo alta como curada, regressou à Bahia. De 1958 a 1961 residiu em Petrolina. Em julho de 1962 veio para Barra dos Coqueiros, porque achava mais perto de Salvador (sic)." (Apud Machado, p.30-31).

Com o golpe militar de 64 as autoridades passaram a perseguir todos aqueles que tinham ideias revolucionárias, sempre na contramão da burguesia, suportando as dores do mundo como dores individuais. Torna-se mais fácil colocá-la mais uma vez num sanatório psiquiátrico, tentando calá-la. Na casa de saúde em Aracaju, Jacinta assistia televisão, ouvia rádio, ficava afastada dos demais enfermos, demonstrando mais uma atitude de lucidez quando se negava a tomar remédios, afirmando ser presa política, tratada inclusive por funcionária do hospital como intelectual, jornalista.

Jacinta Passos, assim, fechou-se em si mesmo. Na sua solidão buscava sua própria liberdade, um lirismo sofisticado e ao mesmo tempo infantil, com imagens que remetem à sua infância em fazenda, família abastada e poderosa do Recôncavo Baiano, uma mulher de educação primorosa, que mesmo cerceada da sua liberdade de ir e vir, nunca deixou de alçar voos através de sua escrita, incomodando as elites da época, chocando por querer conquistar um espaço num lugar que foi destinado aos homens. Uma mulher que quebrou o cânone literário brasileiro, que foi reconhecida como grande poeta pelos mais renomados críticos literários; uma mulher que sofreu para realizar-se como mulher. Fez do cárcere, dos tratamentos dolorosos, sua vontade de viver, afinal, poderiam lhe tirar os dedos e ela continuaria manipulando o bem; poderiam cortar suas mãos e ela ergueria os pulsos; só não lhe poderiam tirar o amor, a vergonha e o poder da palavra, a escrita, pois assim ela morreria.



Para consolo de uma burguesia, falece aos cinquenta e nove anos Jacinta Passos, no dia 28 de fevereiro de 1973. Daí a necessidade de resgatar a poética e a vida de Jacinta, para que seja colocada no panteão das grandes escritoras do Brasil, e dos heróis que deram a vida pela abertura política – para que sirva de exemplo a gerações futuras.

# A lira que brada[1]

*José Umberto Dias*[2]

Letras negras sobre folha branca compõem o estrado que espicaça a imaginação. O leitor inventivo submerge na mina de palavras à guisa de um repertório. Bebe-se então da fonte, com satisfação. A poética concêntrica de *Jacinta Passos*, sobretudo simpática e mutante, é um convite generoso à leitura sensível daquele que se afasta do feitio acadêmico. Ela desperta o refino de sentimento, pela via do útero com o rigor de sentido, esgarçando-se em rotações. Poesia parida ao corte umbilical da existência partida.





Viagem sem ancoradouro. Teto de vidro, quebrado. Errância em fome de absoluto. Certeza da simplicidade, embora paradoxal. A poeta bissexta brota do massapé do recôncavo baiano e logo descobre o luto geotectônico submetido à [des]ordem amorosa patriarcal. A intuição de feminismo inaugural se choca com a ortodoxia ideológica de conteúdo, cujas lâminas retalham seus nervos aturdidos, para depois experimentar o cárcere do manicômio e sucumbir contemplando o calvário na barra dos coqueiros de Sergipe d'El Rey.

O véu e a grinalda conspiram como fetiches de idealização nupcial da odalisca. *Jacinta* enjoa da boneca e os ovários fecundam vocábulos. Embora cultive e libere a maternidade como ofertório da criação em rito de sacrifício doador. A oralidade da cantiga de roda cadencia sua entonação. E o eco de criança se propaga na partitura das trovas. Num discurso que é voz com timbre de notas musicais. A vate compõe ode pela acústica de romança embalada em cordas de cristais. São estrofes inspiradas em modinhas cujo cântico das quadras configura a fuga em lá maior. Nesse estúdio da alma de bardo se solta a privacidade e escancara a alcova ao tom de confissão pública. Uma trovadora de repercussão vibratória. O verso em reversos de desdobramentos. Menestrel que convida ao outro. Dar-se pela

---

[1] Publicado em *Informe Sergipe*, republicado em Gilfrancisco. *Jacinta Passos: a busca da poesia*. Aracaju: Edições GFS, 2007, p. 39-41.

[2] Nascido em Sergipe em 1949, José Umberto Dias reside em Salvador há muitos anos. Sociólogo e cineasta, dirigiu vários curtas-metragens, como *O Doce Amargo* (1968), *A Musa do cangaço* (1981), e *Lua Violada* (2005), além do longa-metragem *Anjo Negro* (1972). Publicou, entre outros: *Dadá*. Salvador: EGBS/Fundação Cultural Estado da Bahia, 1988, a peça teatral *Desconhece-te*. Salvador: EDUFBA, maio, 2000, e, em coautoria, *Alexandre Robatto, Filho* - Pioneiro do Cinema Baiano. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1992.

janela de rua na perspectiva de construção. Canto de trabalho: didática de sedução. Viola que comunga; lira que reune.

Sua verve embola a cantiga num tropel de sons que nina a humanidade numa esquina do cosmo. Essa infância perdida e reencontrada na esperança de palavras abandonadas numa arca debaixo da ponte que rola o vapor de argonautas do Paraguaçu ao enlevo de seus ancestrais. A correnteza deságua no oceano, que acena para o mundo, ali mesmo onde as estrelas piscam mistérios de sete portas sujas e escancaradas. A atalaia da salvação adentra as igrejas barrocas em que anjos azuis mijam água benta nos umbrais. Mas a morte inquieta e o amor se projeta na solitude. E ampliando o panorama, a força que gravita o capital elege a exploração do ser pelo não-ser a desfilar no talude como Miss. A beleza por sua vez recua, na condição de mercadoria. A criança afasta o brinquedo, uma vez que se proíbe sonhar o sonho dos justos. Enquanto o trabalho se troca por frustrações e na oficina amorosa se compra desilusão. *Jacinta* recebe o lápis de cera e rabisca o silêncio que incomoda os corações cinzentos divididos em classes sociais.

Despede-se da "gente marcada" na direção das plagas do encantado. O canto alegre prenuncia o interregno, sem delongas. Orienta-se, porém, pela estrela do Oriente, sua guia que não cobra pedágio à revelação do segredo, das malhas invisíveis. E o tesouro que leva, escondido no púbis, antes distribuiu democrática aos camaradas de catacumbas. Segue a jornada, inteira e altaneira. As partículas encarregam de juntar-se ao junco. União ou fissura, importa a ternura. Já que a caminhada de pés descalços perdura sem a convenção do tempo ao espaço sem fronteiras. Transfigurada, beija a face do mundo, e perdoa a tristeza. A trilha não tem fim nem começo. Ela, de cabelos molhados na chuva, autorrecria sem lágrima sequer adeus, quando no percurso não faz alusão à saudade da "gaiola / onde canta o sabiá". Pois *Jacinta* não buscou a tradição do exílio, mas a revolta pacífica de reconciliação. Abandonou a aparência para o ingresso na essência, da palavra. A matéria, desse modo, possuindo uma segunda natureza, imprevista. A coragem consiste em enfrentar porquanto a servidão está em ignorar. A pureza, cristalina, desta feita transita à luz tão veloz quanto o idílio, indissolúvel.

Galope fugaz ao ventre que gera a desigualdade e aborta o mal. Território da miscigenação cordial com o travo de sangue pisado. O País do Entrudo cuja máscara de felicidade acolhe o ninho do infortúnio. E a mulher habita essa "prisão milenar". Quando então *Jacinta* ousa anunciar o seu canto de rua e o lamento do lar. São estrofes bifurcadas, posições oblíquas, gestos assumidos de nariz arrebitado, irreverentes. Uma semântica onde as contradições dançam embaladas em ritmo andante. De provincial à cosmopolita campônia. Superando a estreiteza do ego em busca do ilimitado mítico. A individuação cede espaço especial ao inconsciente coletivo. O seu coração bate no seio da comunidade. O totem comunista é o falo que corresponde ao jogo dum orgasmo espiritual pleno. E do

alto da impessoalidade, da renúncia à tribo personalista, da denúncia à armadilha gramatical corporativa, da negação à indiferença cínica, a voz coletivista vibra e evoca melodias no plano horizontal do arquétipo na anterioridade do relógio. O segredo íntimo da placenta cósmica estando para além da couraça de individualidade. Limitada, e ilusória. Exigindo-se de todo pênis e de toda vagina uma carinhosa e épica metamorfose: ultrapassagem. Voltas que o mundo dá, câmara.

Canção que se funde à ética. De compromisso, partilhada, engajada na pulsação de vida. De palavras, ritmo e comunhão, ecos-musicais, espontâneas e sinceras. Simplesmente, acrescentaria o visionário Rimbaud colorindo as vogais num palimpsesto comunitário.

Só o verbo redime essa mulher de fibra. E os poemas sentam no seu colo forrado de jasmins. Ela aí acaricia as contradições em versos livres que, às vezes, rimam ao ritmo das trovas populares ouvidas nos quintais de goiabeiras. Uma sonoridade embalada na redondilha de uma lira que se contém. Ao intervalo respira fundo, mas chora, indignada. Já que o verso não liberta, de imediato, ao menos desperta a pupila da menina num mundo adulto, de doer. Uma realidade em metamorfose. Uma rosa escarlate gerada à beira do asfalto poluído. Militante *à gauche* da comuna que brada por Lampião, companheiro esdrúxulo da vingança histérica nos sertões. Evoca a picareta fincada na cabeça de Trotsky exilado no México, onde a caveira da morte se come doce no velório de tequila. Para na penumbra se vislumbre que a criação do poder é o fantasma da liberdade de Buñuel de mãos dadas com o bardo Shakespeare. A política se mostra incapaz de produzir poesia. A fraternidade não se olha ao espelho. A igualdade se fragmenta em ambiguidades. À poeta resta ouvir a música de seus versos e sorrir ao ricto da loucura.



A escritora nomeia pessoas do seu afeto, mas impõe uma postura distanciada da melancolia e que lhe assegura o patamar de dimensão lendária. Esse foco narrativo, tomando de empréstimo elementos folclóricos, como contraponto de paródia, sublima o real pela categoria alegórica, em montagem de metalinguagem, a fim de pontuar possíveis conflitos de luta de classes numa taba que prima pelo regime da exclusão. Pontua a periferia do capitalismo tardio sem tropeçar em esquematismo doutrinário. O naturalismo das situações transcende a descrição para se atentar ao domínio da fábula. Uma operação transubstanciosa que beira o ingênuo. Mas a atitude é consciente de um olhar infantil. Os versos possuem o relevo das descobertas primárias. O coração fala por si. Não por mera paixão. Mas imbuído de uma preservação da candura nascida de baixo-ventre. Inaugurando paisagens, sem o filtro da convenção sisuda. Mostrando e escondendo, ao mesmo tempo. Descortinando, sem o véu da culpa. Brincando de inventar. Num exercício suave, ambivalente, às vezes tenso, provisório, incerto, indefinido, sem perder a fé, seu laço místico, até messiânico, cujo eixo central do redemunho

poético fosse a mandala infante diante do desconhecido. O intelecto, na instância, põe-se oblíquo. O entendimento vem por trás da intuição. Que se abre ao inesperado. E o fabuloso se encaixa na consciência pelo véu da transparência. As palavras partem da lembrança e jorram por livre associação. O jogo então tá armado. O resto é combinação, de sorte ou azar no tabuleiro da História.



# A lírica da crítica social na poesia de Jacinta Passos[1]

*Gilfrancisco*[2]

Em novembro do ano passado (2004), a poeta baiana Jacinta Passos (1914-1973) completaria 90 anos de idade. E mais uma vez esta data passou despercebida dos estudiosos baianos. Apesar de ter sido uma das pioneiras na luta contra as injustiças sociais, esta militante comunista, que atuou em vários estados da federação brasileira, continua desconhecida entre as novas gerações. Jacinta Passos possui uma obra quantitativamente pequena, mas constituída de força e vigor, que deverá merecer a toda evidência as melhores referências críticas.





Poeta de alma popular, Jacinta Passos lutava entre a tempestade e o sentimento, para salientar a força da imagem e a originalidade poética dos seus textos. Por isso produziu uma obra em plena consciência crítica da condição/realidade humana, uma poesia para a vista, poesia para o ouvido.

Entretanto, só nos resta esperar a publicação, que ocorrerá ainda neste semestre, da reunião de sua obra, Canção Atual (4 livros), acrescida de novos textos, estudos críticos, iconografia e fortuna crítica, edição organizada por sua filha, a professora e escritora Janaina Amado.

* * *

A partir do modernismo brasileiro, vemos formar-se em nossa literatura um extraordinário conjunto de obras poéticas. Extraordinário não só por suas virtudes enquanto poesia, mas também – ao que tudo indica – por não encontrar paralelo em nenhum dos períodos anteriores. Este conjunto de obras oferece ainda uma característica singular, o intenso e produtivo diálogo entre os poemas e a política de seus autores.

---

[1] Este texto baseia-se em outro do mesmo autor, intitulado "Jacinta Passos: a busca da poesia", publicado no *Diário Oficial do Estado da Bahia* nº 14659 , Caderno 4, 11. jan. 1991, por ocasião da publicação da segunda edição de *Canção da Partida*. "Revisado e ligeiramente ampliado", segundo o autor, o texto foi republicado em: Gilfrancisco. *Jacinta Passos:* A busca da poesia. Aracaju: Edições GFS, 2007.

[2] Gilfrancisco (1952), baiano atualmente fixado em Aracaju, participou de grupos culturais e do Grupo Experimental de Cinema da UFBA. Licenciado em Letras pela Universidade Católica do Salvador (UCSal), atualmente trabalha como professor universitário, pesquisador e jornalista em Aracaju, especializado em literatura baiana e sergipana. Além do livro sobre Jacinta Passos, é autor de, entre outros, *Gregório de Mattos, o boca de todos os santos*. (BDA/UNIT: 1997); *Crônicas & poemas recolhidos de Sosígenes Costa* (Fundação Cultural de Ilhéus, 2001); *Flor em Rochedo Rubro*: A Poesia de Enoch Santiago Filho (Secretaria de Estado da Cultura, 2005) e *Musa Capenga:* poemas de Edison Carneiro (2009). Escreve também para jornais, revistas e mídia eletrônica.

Embora a produção de um autor seja o único dado capaz de fornecer os elementos necessários à compreensão de uma visão de mundo, muitas vezes temos de perseguir, no momento histórico que envolveu a obra, as pistas para a compreensão do fenômeno literário. O conhecimento do contexto social, econômico, político e artístico que a cercou pode ajudar a compreender melhor sua temática, sua linguagem e até mesmo suas intenções, principalmente porque (sua concepção de que a poesia só tem sentido quando muda alguma coisa) poderemos estabelecer relações entre sua produção e cada um dos momentos que a envolveram. De sua obra tem-se melhor impressão pelas provas que nos dá de lucidez e competência ao lidar com as palavras; por isso é fácil deixar-se atrair pela elegância, pela clareza e pelo sentido rítmico de sua linguagem.

Jacinta Passos tem a poesia como forma de indagação e conhecimento do mundo, como uma luta em busca do sentido das coisas, da própria vida e da literatura, como a necessidade de resgatar a experiência da vida, de não deixar que ela se perca. Acompanhou as trajetórias da arte, durante todo o percurso crítico que empreendeu, no sentido de compreender, aceitar e participar das tendências por que passou a poesia brasileira, a partir da Semana de Arte Moderna em 1922. Jacinta Passos espanta pelo arrebatamento que marca não só sua obra, mas também sua vida, povoada de atividades múltiplas, porque as ações humanas implicam uma relação com a verdade. Por isso vê o poema como objeto construído com medida e rigor.





Nascida em 30 de novembro de 1914, na Fazenda Campo Limpo, no município de Cruz das Almas, sendo seus pais Berila Eloi Passos e Manoel Caetano da Rocha Passos, viveu alguns anos na cidade de São Félix, passando em seguida a residir em Salvador, juntamente com a família, por ocasião do ingresso do pai na carreira política, quando este foi eleito deputado estadual pela legenda da UDN-União Democrática Nacional e deputado federal constituinte.

Diplomada pela Escola Normal da Bahia, em 1932, com distinção, Jacinta Passos passou a lecionar nesse mesmo estabelecimento de ensino as disciplinas de Matemática e Literatura Brasileira no curso secundário. Jacinta Passos é uma das maiores poetas baianas, uma figura marcante no cenário político brasileiro, uma poeta de características construtivistas, que pesquisa e trabalha a forma, mas a linguagem que utiliza quase sempre é coloquial, simples, da mesma maneira como fala. A jovem baiana vive sua infância e juventude no interior do estado, em plena transformação, período cuja política se apoia na hegemonia dos grandes proprietários de terras. O panorama social que começa a se transformar em fins do século XIX, com a Abolição da Escravatura e o início da imigração, tem seu processo acelerado com a Primeira Guerra Mundial.

O domínio que a poeta da "Canção da Partida" foi adquirindo sobre as palavras, com uma sólida base humanista, vem desde "Momentos de Poesia", coletâ-

nea de versos, que mesmo inédita e sem título definitivo na época, foi submetida à apreciação do crítico literário Carlos Chiacchio (1884-1946), colaborador efetivo que mantinha no jornal *A Tarde* uma coluna intitulada "Homens & Obras" (1928-1946), onde publicou 957 rodapés, principalmente de crítica literária. O referido comentário, publicado em 6 de outubro de 1937, diz o seguinte: "Poesia, é o título arbitrário que adotei para revelar o nome de Jassy Passos. Os versos, ademais, não me foram mandados para nenhuma revelação. Eu é que reputaria um crime se não dissesse deles a surpresa agradabilíssima que me causariam. Por quê? Há entre nós uma inteligência harmoniosa de artista do verso, como Jassy Passos, e deve-se trazê-la à admiração justa do público que ainda tenha em apreço espiritual as espontaneidades do talento. Não é possível o silêncio. Perdoem-me os delicados melindres da jovem poetisa. Os versos é que não carecem de pedir perdão. Defendem-se com toda a força da sua indiscutível pureza. Vamos ler sem mais comentários, o soneto Maria":





*Ergue-se a cruz no cimo do Calvário*
*Após cumprir sua missão, Jesus,*
*que por nós nasceu pobre e solitário*
*por nós agora vai morrer na cruz.*
*Já se fez o divino donatário*
*de tudo o que era seu. Bênção da luz*
*que desceu sobre o mundo tumultuário,*
*é doutrina de amor que ao céu conduz.*
*Prisão, tortura, sede, fundas dores*
*desprezo, ingratidões, açoites, horrores,*
*tudo sofreu por nós, pobres mortais.*
*E ainda nos dá, no instante da agonia,*
*santificado, o vulto de Maria*
*que é o bem maior que todos os demais.*

"Dir-se-á que, nem o assunto nem a forma são essas novas. Quem já não escreveu sobre Maria? Antologias se contam. Quem já não fez sonetos? Só os que ainda não nasceram para poesias. O que há, porém, em Jassy Passos, é a concepção nova do sentido estético da fé – que há uma ética da fé – naquela chave, verdadeiramente de ouro, se já não fosse tão mal usada a expressão". Repitamo-la:

*E ainda nos dá no instante da agonia,*
*santificado, o vulto de Maria*
*que é o bem maior que todos os demais.*

"Nunca ninguém disse com mais simplicidade sobre um dos maiores temas do catolicismo, que é esse "bem maior que todos os demais", legado por Jesus.

Não se pense, todavia, que a arte de Jassy Passos se valha do sentimento místico para vingar louvores ou captar simpatias. O seu espírito é sincero. Em outras mostras dá mérito, acusa uma sensibilidade notável para os aspectos da natureza, como no poema 'Manhã de Sol', cujo fecho demonstra, apesar da homofonia, a emotividade lírica de Jassy Passos":

*E todo esse esplendor se comunica*
*à alma da gente que vibrando fica,*
*e, com alta emoção, esplêndida e feliz bendiz*
*numa alegria incontida*
*a glória de viver e a beleza da vida.*

"Já, agora, integra um dos poemas inéditos de Jassy a nova poesia baiana":





*Meu sonho*

*O meu sonho*
*mais risonho*
*é suave e pequenino*
*resumindo entretanto o meu destino.*
*É de cor azul sonora*
*como o mar que longe chora.*
*É cor de infinito e de ânsia,*
*cor de céu, cor do mar, cor de distância.*
*Tem a leve suavidade*
*da saudade.*
*E a cantante doçura*
*de um regato que murmura.*
*Macio e encantador*
*É caricia de pluma e perfume de flor.*
*O meu sonho*
*mais risonho*
*é para mim, cada momento:*
*o motivo maior de doce encantamento.*

"Sem nenhuma pretensão a gênio, mas com toda a espontaneidade de alma, Jassy Passos é uma das mais legítimas expressões do nosso lirismo feminino."

Seu livro de estreia: "Nossos Poemas". Dividido em duas partes, Momentos de Poesia, de Jacinta Passos, e a segunda, Mundo em Agonia, de Manuel Caetano

Filho – seu irmão, quatro anos mais moço. Salvador, Gráfica Popular, 1942, onde a religiosidade, marcada pelos anos de juventude, transparece ostensivamente nos 38 poemas. Muitos destes, publicados em vários periódicos de grande circulação nacional, como a revista cultural A Ordem, do Centro D. Vital, do Rio de Janeiro, fundada pelo sergipano Jackson de Figueiredo (1891-1928), onde publicou dois poemas em 1940: A missão do poeta, Vol. XXIII; Sacerdócio e Alegria, Vol. XXIV.

Embora "Momentos de Poesia" seja sempre citado como inicio da produção poética de Jacinta Passos, obra que reúne poemas marcados pelos motivos que Salvador e algumas cidades do interior baiano lhe haviam oferecido até aquele momento, são poemas latentes, ainda vagos, que a poesia luta para transformar em palavras concretas, buscando um caminho poético próprio, para quem o poema depende essencialmente da lógica de sua construção, procurando desmistificar os mecanismos de funcionamentos da linguagem. Por isso mereceu, quando do seu lançamento, um pequeno comentário publicado na revista Seiva nº 14, out. 1942: "Não importa, assim, que o sr. Manuel Caetano Filho seja mais cerebral do que sentimental – o que talvez seja uma qualidade da sua poesia; como não importa igualmente que a sra. Jacinta Passos ainda não encontrasse claramente o seu caminho. Mas não tardará a encontrá-lo. As qualidades de sua poesia são excelentes, nada ficando a dever, em expressão poética propriamente dita, a qualquer dos poetas que fizeram os grandes poemas a que nos referimos".



Sua segunda coletânea, *Canção da partida*. São Paulo, Editora Gaveta, 1945, o mais importante dos seus livros, apresenta uma edição limitadíssima de 200 exemplares em papel *bouffond* de 1ª qualidade, sendo 45 numerados e assinados pela autora e 10 exemplares contendo uma ponta-rica original do artista plástico Lasar Segall, marcados de A a J, tendo 121 páginas, onde a poesia de Jacinta Passos assumiu aspecto de maior espessura e ganhou condições de fluir em outros poetas, por ter sido um exato e comovido exercício de busca pelo ser. Porque a poesia se faz com as palavras com que homens e mulheres amam, se entendem, se complementam e indicam novos rumos, inserindo-se na ação divina no que ela tem de mais criador.

É a partir desse livro, que mereceu em 1990 uma 2ª edição, em comemoração aos 45 anos de sua publicação e 76 de nascimento da autora, através da Empresa Gráfica da Bahia/Fundação das Artes, com tiragem de dois mil exemplares, num belíssimo trabalho cuidadosamente apresentado pelo crítico paulista José Paulo Paes (1926-1998), que surgem as preocupações com os grandes temas do homem do cotidiano, as recordações de infância, a dor, tristeza, a solidão. Jacinta Passos vai criando uma tonalidade; suas experiências, suas lembranças, todos os seres formam uma continuidade dentro dela e dentro da história, um universo em que nos faz penetrar, povoado de símbolos expressivos que, aparecendo sob diferen-

tes formas, constroem imagens e metáforas reveladoras de um estado poético transcendente.

Em 1945, recém-casada com o escritor e tradutor James Amado, se candidata a deputada estadual pelo PCB da Bahia, sem conseguir eleger-se. É ainda o ano em que termina a guerra, com a vitória dos aliados, delineando-se a partir de então os caminhos da redemocratização no país, com o aparecimento de vários partidos políticos, inclusive o PCB, culminando com a destituição do presidente Getúlio Vargas. No ano seguinte, o Brasil ganha sua quinta Constituição e o PCB, que fora legalizado um ano antes, volta à clandestinidade em 1947. Em 1948, o país rompe novamente suas relações com a extinta União Soviética.

A partir daí, o país vivendo as influências da Guerra Fria, alinha-se ao Bloco Ocidental, que realiza uma política de contestação do avanço comunista. Transferindo-se para o Rio de Janeiro em 1951, onde intensifica sua atividade política, passa a colaborar na "imprensa de esquerda": Voz Operária, Hoje, Imprensa Popular, dentre outros, e milita em organizações empenhadas na defesa dos direitos humanos e pela legalização do seu partido.





Jacinta Passos publica seu terceiro livro – "Poemas Políticos", Rio de Janeiro, Casa do Estudante, abril de 1951 –, dividido em três partes: Poemas Políticos; Canções Líricas e Canção da Partida, um pequeno livrinho de 87 páginas que totalizava 19 poemas. Sua presença também se estendia à política, na natural complementação de uma luta por uma sociedade justa e fraterna que abraçava todos os campos.

A própria instabilidade social do país favorecia essas oscilações, daí uma série de marchas e contramarchas estéticas. Desse exercício de adolescência, passou diretamente para a maturidade, cujos resultados seriam registrados nesse livro, obra composta de poemas reveladores das suas preocupações à época, que lhe garantiria um posto de destaque na poesia brasileira.

São poemas em que ela exprime a totalidade de suas experiências no plano da vida e da literatura, por versos carregados de paixão corporal, buscando na poesia uma forma de expressar suas mudanças e seu aprofundamento de visão da realidade: a solidariedade para com os menos favorecidos é um dos temas mais explorados por poemas longos, líricos em sua maioria.

Audaz, inovadora da linguagem poética e nutrindo o mais profundo respeito pela tradição, Jacinta Passos abriu, com sua solitária voz, as portas do cenário poético baiano em que a poeta, a cronista e a militante confluem para "agudizar-lhe" ao extremo a compulsão de mergulhar cada vez mais fundo em busca do novo, do moderno.

Ao desabrochar sua potencialidade literária muito jovem, Jacinta Passos está marcada por uma profunda unidade, com o seu perfil inquieto e revolucionário. Poeta da poesia, ela deixou uma obra – apesar de pequena, em termos de produ-

ção, mas de grande importância para nossas letras, que certamente sobreviverá à sua própria morte, verdadeiro tesouro que se manteve escondido por todos esses anos.

Jacinta Veloso Passos atinge uma tensão emotiva ainda rara em nossas letras, e através de combinações, o sagrado fogo da eterna poesia de extraordinária riqueza e lirismo, no mais espontâneo de sua criação poética, não altera nem perturba o seu prodigioso domínio sobre si, porque sabe de onde vem e para onde vai, com a mesma consistência e igual intensidade, desde o primeiro poema de "Momentos de Poesia" ao último verso de "A Coluna". Assim era a poeta Jacinta Passos, em permanente estado de poesia.

Ao conquistar lentamente um estilo pós-moderno, pós-guerra, onde já revelara o gosto pelo jogo de sons e ritmos, num "trabalho em constante progresso", exerce Jacinta desde seu livro de estreia uma função de unificadora de relações e de semelhanças, numa convivência perfeita entre a militância política nas fileiras do Partido Comunista desde 1945 com a habilidade de versejar.





Jacinta, poeta de muita autenticidade e talento na feição do poema participante, do poema de luta e de reivindicações sociais, fez sucesso, destacando-se como uma das vozes mais claras e gritantes da nossa poética militante, apesar de ser hoje um nome praticamente desconhecido na moderna poesia nacional. Com a publicação do livro "A Coluna", Rio de Janeiro, Coelho Branco Editor, 1957, longo poema em quinze cantos, servindo como roteiro o motivo principal, a legenda heroica da Coluna Preste, onde Jacinta Passos atesta o poder da "brava gente" brasileira, cantada e encantada num dos seus mais positivos movimentos de arrancada social de redescoberta do Brasil e dos caminhos de sua miséria.

*A Coluna*, seu último trabalho publicado, além de um grito de amor é peça histórica que se incorpora ao nosso cancioneiro, colocando-se ao lado de outros poemas no gênero, cuja tradição vem desde "O Navio Negreiro" de Castro Alves ou dos "Cânticos Guerreiros" de Gonçalves Dias. Jacinta Passos muitas vezes atinge um estado lírico total, principalmente quando narra o desfile desses heróis. A poeta cruz-almense soube compor o seu poema, revestindo-o de diademas em "quinze cantos" que colocou na fronte do povo em marcha, guiado pelo "comandante sem-par".

Portadora de um caráter descritivo, de originalidade de imagem e simplicidade de forma, ela canta desde o legado mítico, histórico e político de sua Pátria, sem se deixar abater. Essa postura de militante acompanhará até o fim sua longa e penosa trajetória, pois com a sensibilidade aguçada, a personagem funciona no poema como o desdobramento da personalidade poética da autora.

Essa mesma postura, sempre mais requintada, permanece ao longo de sua carreira literária, onde predominam as preocupações sociais. Na realidade, a poesia realiza um processo de autoescavação – é a luta entre a essência e aparência,

entre o eu que se mostra e o que se esconde. Com o título de "Canção da Partida", ele por si diz tudo – é que a leva a cantar a vida e o mundo que a cerca, ao mesmo tempo que se indaga sobre as relações humanas, sobre sua relação com o outro. Às vezes a autora tenta recuperar o tempo passado, vencer a distância que a separa das terras interioranas, onde ficou parte da infância.

À medida que percebe que o passado se torna presente, através da herança cultural legada pela terra, uma inquietação manifestada na sua autoconsciência, responsável pelo mergulho nesse passado, caminha para o entendimento com os que a cercam, forma de a eles se associar, o que conduz a poeta baiana ao questionamento da poesia. Desde "Momentos de Poesia", explícita ou implicitamente, o amor e a religiosidade ocupam significativo espaço em sua obra, como realidades que se afirmam e se negam ao mesmo tempo.

Talvez porque o que angustia a poesia seja a consciência do momento que passa, é a descoberta do tempo – não propriamente do tempo passado, mas do tempo puro, tempo original absoluto, idêntico à eternidade, que só a arte pode proporcionar. A primeira crise da sua doença mental manifestou-se em fins de 1957, e daí por diante passou por sucessivos períodos de internamento hospitalar. Entre 1958 e 1961, já separada do marido, James Amado, Jacinta Passos passa a residir na cidade de Petrolina, em Pernambuco, às margens do rio São Francisco, a qual faz limites com o município de Juazeiro, no estado da Bahia.





Entre 1962 e 1963, foram lançados no Rio de Janeiro, pela Editora Civilização Brasileira, as antologias dos cadernos do povo brasileiro – "Violão de Rua", em colaboração com o Centro Popular de Cultura da União Nacional dos Estudantes, que saiu com três números dirigidos por Álvaro Vieira Pinto e Ênio da Silveira, sob coordenação do poeta Moacyr Félix. "Violão de Rua" era uma tentativa de manter uma posição de vanguarda sem comprometimento com o formalismo estético, utilizando todas as formas poéticas, inclusive as folclóricas e populares. O sucesso comercial da coleção foi tal que foram vendidos cerca de quarenta mil exemplares. Dentre os poetas, encontravam-se três baianos: José Carlos Capinan, Francisco Pinto e Jacinta Passos com dois poemas: "A morte do coronel" e "Elegia das quatro mortes" (fragmento), ambos publicados na edição extra nº III, de 1963.

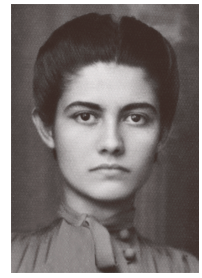
Quando do golpe militar de 1964, marco de um longo período fustigado pela repressão, pela censura e pelas perseguições políticas, sua família, por precaução, resolve queimar os originais de seus livros inéditos: poemas e peças de teatro adulto e infantil, com o que se perdeu definitivamente toda a sua produção posterior a "A Coluna".

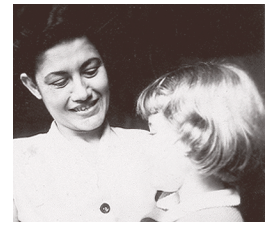
Desde julho de 1962, Jacinta Passos encontra-se em Aracaju e passa a residir em Barra dos Coqueiros, num povoado de pescadores localizado às margens do rio Sergipe, em frente à capital do estado, onde desenvolve suas atividades políticas junto à comunidade local. Presa no município Barra dos Coqueiros em maio

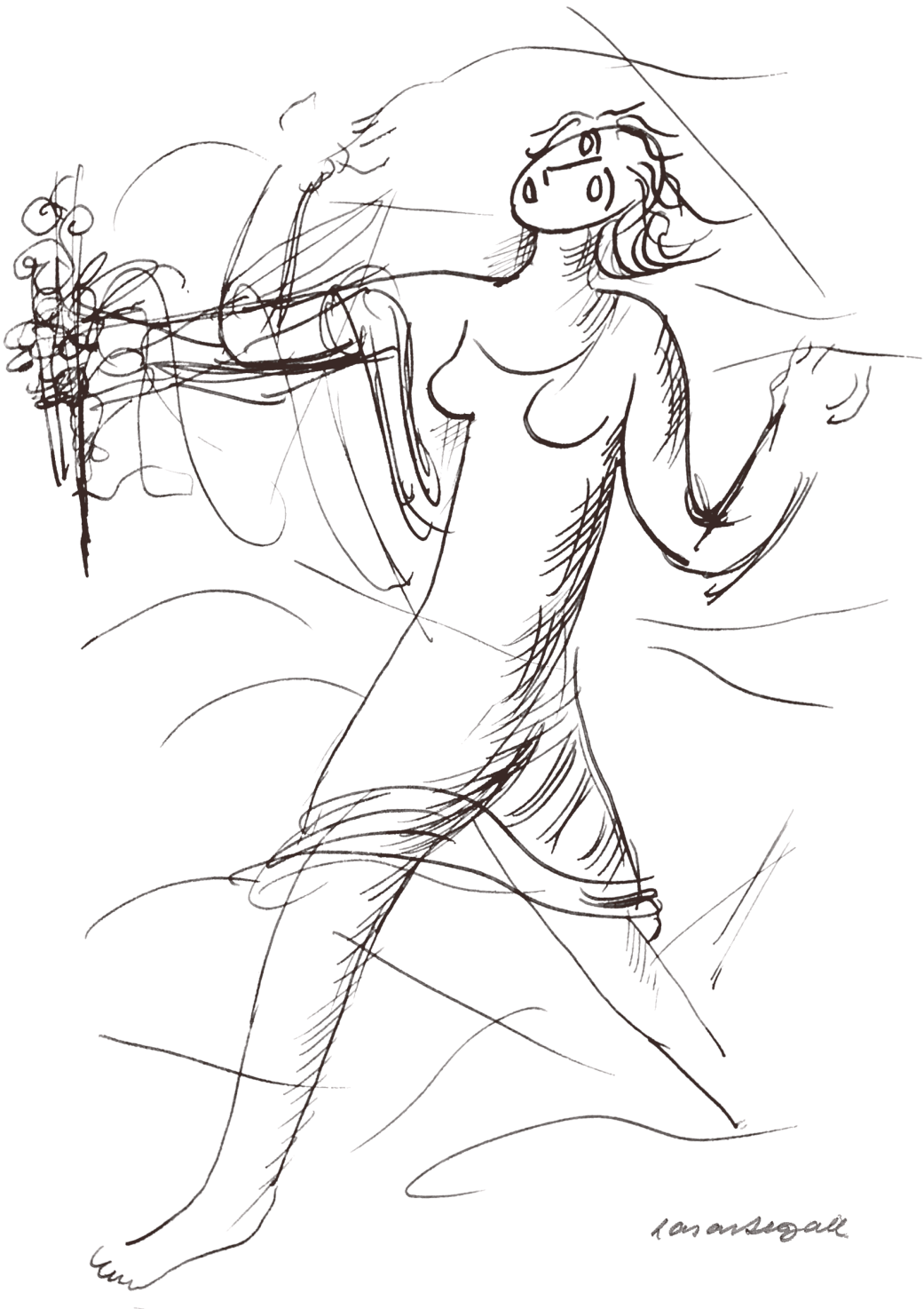
de 1965 pela tropa do Exército do 28º BC, é submetida a longos interrogatórios, permanecendo detida por alguns dias. Diagnosticada como doente mental, Jacinta Passos Amado é recolhida ao sanatório público Adauto Botelho e, em seguida, transferida em 3l do mesmo mês para a "Casa de Saúde Santa Maria", onde fica internada até morrer, em 28 de fevereiro de 1973, aos 58 anos de idade.

Jacinta Passos dirigiu por algum tempo o Departamento de Publicidade da LBA, além de colaborar com artigos polêmicos e explosivos em jornais e revistas de Salvador, São Paulo e Rio de Janeiro, tendo exercido atividade jornalística diária no jornal *Estado da Bahia* e no *Imparcial*, durante a Segunda Guerra.




chagall